



INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

A Construção de Intimidade e o Desafio das Expectativas Parentais entre Jovens de Ascendência Chinesa em Portugal

Marta Filipa Soares da Gama

Orientador: Prof. Doutora Irene Rodrigues

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

Lisboa
2025

A Construção de Intimidade e o Desafio das Expectativas Parentais entre Jovens de Ascendência Chinesa em Portugal

Marta Filipa Soares Da Gama

Orientador: Prof. Doutora Irene de Assunção Raposo Rodrigues

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

Júri:

Presidente:

Doutora Maria de Fátima Calça Amante, Professora Associada com Agregação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

Doutora Irene de Assunção Raposo Rodrigues, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora;

Doutora Sofia Fonseca Dias Gaspar, Investigadora Auxiliar no Departamento de Métodos de Pesquisa Social do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Resumo

Este estudo é um contributo para uma compreensão mais profunda das experiências de jovens de ascendência chinesa em Portugal ao investigar o seu processo de construção de intimidade, nomeadamente ao explorar o modo como conciliam expectativas culturais conflitantes, modernidade e tradições familiares. A pesquisa examina os valores culturais contrastantes enfrentados por estes jovens, incluindo expectativas filiais e a manutenção da tradição familiar, e como esses valores influenciam os seus relacionamentos e as suas escolhas de parceiros(as). A metodologia inclui análise qualitativa com recurso a entrevistas e discussões com jovens de ascendência chinesa. Os resultados destacam a importância da família e dos círculos sociais na formação das preferências conjugais dos jovens, as restrições impostas pela vida social limitada e a complexidade dos relacionamentos interétnicos.

Palavras-chave: construção de intimidade, jovens de ascendência chinesa, Portugal, expectativas culturais, tradições familiares, relacionamentos interétnicos.

Abstract:

This study contributes to a deeper understanding of the experiences of young people of Chinese descent in Portugal by investigating the process of intimacy construction among them, particularly by exploring how they reconcile conflicting cultural expectations, modernity, and

family traditions. The research examines the contrasting cultural values faced by these young individuals, including filial expectations and the maintenance of family traditions, and how these values influence partner choices and relationships. The methodology includes a qualitative analysis of interviews and discussions with young people of Chinese descent. The findings highlight the importance of family and social circles in shaping the marital preferences of the youth, the constraints imposed by limited social life, and the complexity of interethnic relationships.

Keywords: intimacy construction, young people of Chinese descent, Portugal, cultural expectations, family traditions, interethnic relationships

Agradecimentos

Primeiro, quero agradecer aos meus pais, pelo amor, apoio e por me deixarem fazer as minhas opções sem muita contestação.

Aos meus amigos Tiago, Caco, Santa-Rita e a todo o grupo da FCUL, obrigado por nestes últimos 2 anos estarem sempre por perto, por me reverem os textos e ajudarem a corrigir os erros ortográficos. A vossa ajuda foi essencial e a vossa amizade tornou este percurso muito mais fácil e divertido para além que ver-vos a trabalhar pelos vossos objetivos motivou-me a fazer o mesmo pelos meus.

Ao Lucas, um obrigado gigante pela paciência, compreensão e por me apoiar nos momentos mais difíceis. Ter-te ao meu lado fez toda a diferença.

À minha orientadora, muito obrigado pela ajuda e pelas dicas valiosas ao longo deste trabalho. A sua experiência e apoio foram fundamentais para a concretização desta tese.

Aos meus colegas de turma, um obrigado especial à Yoonchhomi, pela preocupação e a disponibilidade que demonstrou ao longo deste último ano para me ajudar espero ter sido uma fonte de conforto para ela como ela foi para mim.

Um agradecimento especial aos jovens que participaram nas entrevistas, pela disponibilidade e por partilharem as vossas experiências e perspetivas num tema tão íntimo. A vossa contribuição foi essencial para a realização desta pesquisa.

Finalmente um obrigado a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta tese. Seja com palavras de incentivo, ajuda prática ou apoio moral, cada um de vocês teve um papel importante nesta conquista.

Índice

Abstract:	4
Introdução	8
Enquadramento teórico	13
Intimidade	13
Conciliar expectativas culturais conflitantes, modernidade e parentesco	14
Influência dos grupos sociais na seleção de parceiros	16
Metodologia	17
Capítulo 1: Tradição Familiar e Vida Amorosa: a influência de grupos sociais nas escolhas e nas práticas de intimidade	22
Preferências conjugais dos pais imigrantes	25
Limitações da vida social	31
Capítulo 2: A intimidade de jovens com ascendência chinesa	33
Preferências e objetivos conjugais	35
Capítulo 3 Relacionamentos interétnicos: Casamento e comunicação	40
Exotização de jovens chineses	46
Tendências futuras.....	48
Conclusões	50
Referências bibliográficas	53
Anexos	58

Introdução

As culturas¹ chinesa e portuguesa, ainda que não tão a preto e branco como alguma literatura pode fazer crer (Hynie et al., 2006), apresentam nítidos contrastes no que diz respeito à forma como idealizam a construção e as práticas de intimidade. De um modo geral, culturas asiáticas como a chinesa tendem a ser entendidas como mais coletivistas e mais valorizadoras da união entre pessoas com a mesma ascendência étnica, enquanto as culturas ocidentais tendem a ser entendidas como mais valorizadoras da liberdade e da individualidade neste tipo de decisões (Hynie et al., 2006). Portugal tem uma presença considerável e crescente da comunidade chinesa com – 27 873 migrantes segundo dados de 2023 (Lopes & Sousa, 2024), sendo que este número não contempla os cidadãos com ascendência, ou mesmo naturalidade chinesa, que têm nacionalidade portuguesa. Nesta pesquisa, na identificação destes pessoas não foi considerada como relevante a sua nacionalidade, mas o facto de terem ascendência efetivamente chinesa, nos casos analisados, pais ou avós.

Os primeiros migrantes chineses em Portugal remontam às primeiras vagas de migrantes chineses para a Europa que tiveram início no final do século XIX e início do século XX. Esses migrantes, provenientes principalmente de Wenzhou, estabeleceram-se em zonas costeiras da Europa como comerciantes entre as quais algumas cidades costeiras portuguesas (Rodrigues & Gaspar, 2021). No entanto, esta tendência diminuiu significativamente no início da década de 1950, com o fecho da China. A imigração para Portugal continuou através de refugiados, estudantes, para além disso muitos migrantes dirigiam-se também para as antigas colónias, de onde saíram para se instalarem em Portugal e no Brasil em 1974. A presença de chineses em Angola e Moçambique resulta de fluxos migratórios recentes, decorrentes de acordos bilaterais entre esses países e a República Popular da China, especialmente a partir do início do século XXI (Rodrigues & Gaspar, 2021).

De acordo com Rodrigues (2009), a abertura da China a partir de 1978, combinada com a expansão da globalização e as narrativas partilhadas por familiares que já trabalhavam fora do

¹ Neste trabalho, cultura entende-se como algo inacabado e em constante processo de mudança, relativo a grandes tendências, e como algo simbólico e não a cultura como algo que pode ser definido de forma objetiva (Hall, 2013).

país, facilitou a saída de muitos chineses. A crescente demanda por trabalhadores na economia étnica chinesa na Europa resultou em fluxos de migração irregular, especialmente da província de Zhejiang. É também neste contexto que se inserem as famílias contempladas neste estudo, que migraram para Portugal a partir da década de 1980 para atuar nas áreas da restauração, comércio de produtos oriundos da China e empresas de importação e exportação (Rodrigues, 2009). Ainda de acordo com Rodrigues (2018), os chineses mudam-se para Portugal devido ao receio de uma mobilidade social descendente e à existência de um ambiente social exigente na China, onde as perspectivas de sucesso eram limitadas. Esse sucesso, por outro lado, parecia possível na Europa da década de 1990, um período marcado por grande prosperidade económica.

Por volta de 2006, a comunidade chinesa em Portugal enfrentou uma crise significativa, caracterizada pelo fechamento de diversos estabelecimentos comerciais e restaurantes devido a irregularidades detetadas em inspeções realizadas pela ASAE (Rodrigues, 2013). Esta crise foi acentuada pela intensa competição interna no setor de comércio étnico. Desde então, os fluxos migratórios da China para Portugal têm registado um aumento significativo. Esse crescimento foi favorecido por uma série de fatores, incluindo iniciativas de regularização migratória e, mais recentemente, a implementação dos Vistos Gold, que atraíram um novo perfil de migrantes chineses, particularmente investidores no setor imobiliário (Amante & Rodrigues, 2020). Além disso, observou-se um incremento no número de estudantes chineses matriculados em universidades portuguesas (França, 2021). A expansão da presença chinesa no país também se refletiu no crescimento dos investimentos em setores estratégicos da economia portuguesa, intensificando-se especialmente após a crise financeira de 2011 (Rodrigues & Gaspar, 2021).

Apresentando este grupo de migrantes um peso considerável em Portugal sendo a nona comunidade imigrante com mais peso no país (AIMA, 2023), importa compreender como é que, ao cabo de 40 anos de fluxo migratório contínuo da China para Portugal, as novas gerações estabelecem relações de intimidade num país cultural e etnicamente diferente do país de origem dos seus pais e avós. Considerando que os modelos ideais sobre relacionamentos das pessoas e das redes sociais mais próximas podem influenciar intenções conjugais e os compromissos relacionais (Zhang & Kline, 2009), a principal questão colocada por esta pesquisa é: Que experiências ligadas à construção de intimidade têm os jovens com ascendência chinesa em Portugal? Esta questão leva a uma série de outras perguntas relacionadas, tais como: Que expectativas familiares e culturais em relação à sua vida amorosa encontram os jovens de

ascendência chinesa em Portugal? Qual o nível de autonomia e de influência familiar destes jovens quando tomam as suas decisões? Qual é sua posição pessoal sobre relações amorosas interétnicas? De que maneira é que estes jovens expressam as suas emoções para com os seus parceiros(as)? Quais os desafios enfrentados ao estarem numa relação de intimidade interétnica? E, finalmente, de que modo é que as expectativas que têm sobre estas relações se refletem nas suas decisões no âmbito amoroso?

Para tentar responder a estas questões, propus como objetivo geral “compreender e analisar as experiências ligadas ao estabelecimento de relações de intimidade entre jovens de ascendência chinesa em Portugal”. Tendo como objetivos específicos:

- 1 Identificar a influência que a família e os grupos sociais têm nas escolhas e práticas relacionadas com a vida amorosa,
- 2 Descrever as expectativas e os desafios dos jovens em relacionamentos amorosos, e
- 3 Conhecer as suas posições e os desafios que sentem em relação ao estabelecimento de relacionamentos amorosos interétnicos.

A imigração chinesa tem sido um tema relativamente bem explorado na academia portuguesa, especialmente nas áreas da antropologia e sociologia, abordando uma variedade de temas que incluem as estratégias de integração económica (Bongardt & Neves, 2017) estudos de práticas transnacionais (Gaspar, 2015) com uma ênfase particular no desenvolvimento do mercado étnico (Oliveira, 2021) Também têm sido investigadas as estratégias identitárias adotadas pelos migrantes chineses (Li, Carolino & Sousa, 2023; Rodrigues, 2008) bem como as dinâmicas de interação com a sociedade de acolhimento portuguesa (Matias, 2010).

A pesquisa académica tem também destacado cada vez mais o crescimento da China como uma potência política e económica global (Vasconcelos, 2009) e tem sido dada especial atenção à sua influência nos países africanos de língua portuguesa (PALOP) (Ilhéu, 2010). Mais recentemente verificou-se houve um crescente interesse em trabalhos ligados aos Vistos Gold, que em Portugal tem a designação oficial de ARI (Autorizações de Residência para Investimento), concedidas a nacionais de países terceiros, i.e., cidadãos não pertencentes a países da União Europeia, tendo como contrapartida um investimento significativo na economia do país anfitrião. O investimento varia de acordo com o programa do país. Estes investimentos podem manifestar-se de várias formas, incluindo a aquisição de imóveis, a criação ou expansão de empresas, a geração de empregos, ou a transferência de capital para o país (Amante &

Rodrigues, 2022). Em Portugal o programa foi implementado a partir de 2012 de maneira a revitalizar o mercado imobiliário português no rescaldo da crise da dívida e da intervenção da Troika em Portugal (Fundo Monetário Internacional, União Europeia e Banco Central Europeu) (Amante & Rodrigues, 2022; Gaspar & Ampudia de Haro, 2019). A integração social dos migrantes chineses e dos seus descendentes em Portugal também emergiu como um tema de pesquisa recente na academia portuguesa (Gaspar, 2018 e 2019). Em contrapartida, muito pouco se tem escrito em Portugal especificamente sobre filhos de imigrantes chineses.

A literatura sobre este tema noutros países com forte migração chinesa, têm-se focado sobretudo no processo de integração destes jovens e nas suas experiências de ascensão social em resultado das vantagens que possuem em relação à geração dos seus pais (Portes, 2009; Wang & Le Bail, 2016). Em Portugal, tem-se apontado as dificuldades dos jovens descendentes de imigrantes chineses com a aprendizagem da língua e para a inexistência de partilha de quadros culturais e simbólicos com os outros jovens portugueses (Gaspar, 2018), dificuldades estas que podem resultar no isolamento destes jovens nas redes de sociabilidade dentro da comunidade chinesa (Gaspar, 2018). No entanto, estes estudos de integração têm tratado o caso de jovens que nasceram na China e posteriormente se mudaram para Portugal. Assim, é necessário alargar a pesquisa aos jovens que nasceram em Portugal e, portanto, têm proficiência na língua e estão em constante contato com a cultura portuguesa desde o nascimento ou de tenra idade, por meio da educação e dos meios de comunicação. Jovens estes que, de facto, desenvolvem estruturas simbólicas mais próximas dos portugueses nativos, mesmo não tendo ascendência portuguesa, através da escola e das redes de sociabilidade que vão criando na sociedade portuguesa, o que os coloca no cruzamento de duas culturas distintas.

O tema da construção da intimidade nesta faixa da população tem também sido um tema muito pouco explorado na academia em geral e na academia portuguesa em particular. Até ao momento, apenas foi possível encontrar referências na literatura sobre outros contextos nacionais sobre relações interétnicas e o modo como os valores transmitidos pelos pais e grupos sociais influenciam a escolha de parceiros(as) românticos (Bejanyan, Marshall & Ferenczi, 2015), assim como o impacto dessas relações na identidade dos jovens (Kibria, 1997).

Assim este trabalho demonstra ser relevante não apenas pela notável lacuna de conhecimento empírico sobre experiências de jovens com ascendência chinesa em Portugal, mas também pela necessidade de explorar mais profundamente as preferências matrimoniais dentro da comunidade chinesa em Portugal e o grau de interação desses indivíduos com a sociedade

portuguesa mais ampla. As motivações pessoais que impulsionam a realização desta pesquisa derivam de um genuíno e profundo interesse pela rica e fascinante cultura chinesa, pelo fenómeno social e demográfico da imigração chinesa em Portugal, bem como pela complexidade das dinâmicas socioculturais que envolvem e caracterizam esta comunidade migrante. Este interesse não surge apenas de uma curiosidade académica, mas também de um desejo pessoal de compreender as nuances e interações que definem a experiência migratória e a integração cultural. O estudo da interação entre as tradições culturais chinesas e o ambiente sociocultural português, bem como os desafios e oportunidades que surgem dessa coexistência, oferece uma visão abrangente e enriquecedora sobre como as culturas se entrelaçam e se adaptam mutuamente.

Durante a licenciatura tive a oportunidade de trabalhar com jovens de ascendência chinesa para a elaboração do meu seminário de fim de curso (Gama, 2022) e agora no mestrado, ao contrário do trabalho que fiz durante a licenciatura, decidi não classificar os meus interlocutores como de 2ª geração ou geração 1.5, uma vez que a questão da designação "segunda geração" ter vindo a ser contestada nos últimos anos, uma vez que sugere que os filhos dos imigrantes herdaram a condição de imigrantes dos seus pais (Scaglione, 2010). Esse conceito implica então que esses filhos não são nada mais do que uma segunda edição do fenómeno social vivido pelos seus pais (Padilla, 2005, conforme citado in Scaglione, 2010). Eu tendo a concordar com Padilla (2005), uma vez que considero que os descendentes de migrantes chineses em Portugal, apesar de filhos de imigrantes, já nasceram e foram socializados no país de destino tendo percursos e experiências de vida muito diferentes dos seus pais, não fazendo por isso sentido, categorizá-los como imigrantes, dado que alguns deles nem conhecem o país de origem dos pais e não têm um projeto migratório próprio. Aqueles que migraram ainda crianças, conhecidos como gerações 1.25, 1.5 ou 1.75, conforme a idade na chegada (Padilla, 2005), também não decidiram a mudança por si próprios. Para estas pessoas, pode não existir outro país de referência nem sequer a intenção de ir para o país de origem dos pais, o que reforça que não deveriam ser vistos como imigrantes, já que para muitos essa não é a realidade vivida (Padilla, 2005). Os jovens que participaram neste estudo não são imigrantes e qualquer experiência migratória da família não foi decisão sua, tratá-los como imigrantes é privá-los da condição de se sentirem portugueses, que é algo que não me parece ser certo fazer.

Enquadramento teórico

Intimidade

O conceito de intimidade alude à criação de relações com diferentes graus de profundidade entre indivíduos, e é obviamente influenciado pelo seu contexto cultural e temporal (Jamieson, 2011). A esfera da intimidade abarca tanto a dimensão emocional, na qual existem sentimentos de afeto e harmonia, como a faceta da proximidade física, que não tem obrigatoriamente de ser de cariz sexual (Jamieson, 2011). Conforme demonstrado pela minha pesquisa, esse fenómeno pode manifestar-se em diversas formas de interação, desde abraços, toques de mãos, a presença reconfortante ao lado de alguém em momentos de necessidade, e até mesmo a proximidade em atividades quotidianas, como sentar-se perto de uma pessoa durante uma conversa.

A intimidade tem como objetivo final a construção de uma sensação de familiaridade entre indivíduos e, para isso, existem diversas práticas de criação de proximidade que giram à volta da partilha, de passar tempo juntos, de se dar a conhecer e mostrar ter vontade de conhecer a outra pessoa (Jamieson, 2011). Dependendo do contexto histórico e cultural onde essa intimidade é estabelecida, este fenómeno pode ocorrer de variadas maneiras. Por exemplo, na China na década de 2000, uma das maneiras de construção de intimidade entre jovens casais era ver televisão (Bray, 2008), enquanto por exemplo na década de 1950, a intimidade entre os jovens era construída a trabalhar no campo, contexto que lhes proporcionava ocasiões mais frequentes para interagirem, conversarem e se conhecerem melhor (Yan, 2003). Embora as técnicas empregues sejam distintas, ambas têm em comum o objetivo de facilitar um maior conhecimento mútuo entre as partes envolvidas, promovendo assim, um aumento no conforto e na confiança entre elas.

É fundamental distinguir entre o sentimento de amor e o conceito de intimidade, embora este trabalho explore ambos os conceitos de forma interligada. O sentimento de amor é frequentemente entendido como uma emoção profunda e pessoal que pode manifestar-se de maneiras variadas e intensas entre os indivíduos. Trata-se de uma experiência subjetiva e intensa que pode englobar sentimentos de afeto, paixão e compromisso, e que é profundamente enraizada nas emoções pessoais de cada indivíduo (Jamieson, 2011).

Por outro lado, a noção de intimidade refere-se a uma forma de conexão duradoura entre indivíduos, caracterizada por um reconhecimento mútuo e uma proximidade emocional

significativa (Jamieson, 2011). Intimidade envolve a construção de uma relação baseada em confiança, compreensão e partilha de experiências pessoais, criando um vínculo que se desenvolve e se fortalece ao longo do tempo. Essa ligação não é exclusivamente emocional, mas também abrange aspetos relacionais e contextuais que consolidam a proximidade entre as pessoas envolvidas (Jamieson, 2011). Portanto, enquanto o amor pode ser visto como uma emoção intensa e pessoal, a intimidade representa uma construção relacional contínua e recíproca que pode sustentar um sentimento de amor. Ambos os conceitos são interdependentes, mas a sua compreensão e aplicação podem variar.

Conciliar expectativas culturais conflitantes, modernidade e parentesco

A juventude chinesa em Portugal enfrenta o que Tsai, Ying & Lee (2000) designam como uma constante negociação de valores culturais. As culturas portuguesa e chinesa têm diferentes crenças, valores e rituais, aspetos estes que podem levar a conflitos quando se trata de decisões importantes, como, no caso desta pesquisa, a escolha de um(a) parceiro(a) amoroso, seja ou não tendo por fim o matrimónio (Hynie et al., 2006). A cultura chinesa, influenciada pela filosofia confucionista, ainda que em mudança contínua, tende a ser mais coletivista: os objetivos da família e da comunidade são uma prioridade, e a escolha de um(a) parceiro(a) é muitas vezes influenciada pelos interesses familiares (Hynie et al., 2006). Por outro lado, a cultura portuguesa é mais individualista, e a escolha de um(a) parceiro(a) é vista como uma decisão pessoal (Hynie et al., 2006). Isto pode levar a conflitos quando os jovens chineses em Portugal têm de decidir entre seguir os valores mais ligados à tradição cultural dos seus pais ou adotar os valores apreendidos em Portugal com os seus pares (Uskul, Lalonde & Cheng, 2007). Ainda que, por norma, uma das visões – individualismo ou coletivismo – tenda a dominar, estas categorias são, na realidade, mais complexas do que esta perspetiva binária transparece, já que todas as culturas têm traços individualistas e coletivistas (Zhang & Kline, 2009). Neste sentido, muitos jovens demonstram capacidade em alternar entre diferentes conjuntos de valores, conforme o contexto em que se encontram (Tsai, Ying, & Lee, 2000). Tendencialmente no ambiente familiar, tendem a adotar valores mais tradicionalmente chineses, enquanto na esfera pública é mais provável que recorram a valores associados ao ocidente (Tsai, Ying & Lee, 2000). No entanto, há determinadas questões que permeiam várias áreas da vida e que não podem ser facilmente categorizadas num único conjunto de valores, como por exemplo a escolha de um(a) parceiro(a) romântico, que envolve tanto a esfera pública como a privada, já que o(a) parceiro(a) escolhido

deve ser apresentado publicamente aos amigos, família, e à sociedade em geral, mas um relacionamento é também pessoal e envolve uma grande carga emocional, exigindo comprometimento e longevidade (Hynie et al., 2006). Este conflito de valores culturais pode ser particularmente difícil para as famílias migrantes, que muitas vezes enfrentam desafios adicionais de adaptação a uma nova cultura, e a maneira como estes conflitos são resolvidos pode ter um impacto duradouro nas relações familiares e no bem-estar emocional dos jovens (Kimbria, 2006).

Mesmo que haja uma predisposição para o estabelecimento de uma relação interétnica, pode ser desafiador para os próprios jovens lidarem com as diferenças culturais envolvidas. Esses desafios tornam-se particularmente evidentes no trabalho de Nguyen (1998) sobre jovens de ascendência vietnamita nos Estados Unidos. A autora demonstra, no seu artigo, que a escolha entre namorar dentro do grupo de ascendência étnica ou fora do grupo é profundamente influenciada pelos objetivos pessoais e pelo conjunto de valores com o qual os jovens vietnamitas estão mais alinhados. O estudo revela que, enquanto alguns jovens podem procurar relacionamentos que reforcem a sua identidade cultural e valores familiares, outros dão prioridade a aspetos como a compatibilidade pessoal e os interesses partilhados, independentemente da origem étnica.

Também as formas de expressar intimidade e amor na cultura chinesa são consideravelmente diferentes das formas de o fazer na cultura portuguesa em geral, de maneira que, durante muito tempo, a existência de amor romântico na sociedade chinesa era questionada por alguns teóricos por não ser tão verbal, mas mais indireta, através de ajuda, disponibilidade e partilha (Yan, 2003). Namorar dentro do grupo étnico para jovens imigrantes pressupõe não apenas um compromisso significativo, mas também a adesão a um conjunto complexo de regras de conduta e normas culturais que são valorizadas dentro da comunidade. Esses tipos de relacionamentos frequentemente envolvem a manutenção de tradições e expectativas familiares. Em contraste, os jovens que optam por namorar fora do grupo étnico, geralmente, buscam maior liberdade nas suas escolhas e podem afastar-se da ideia de compromisso, tradicionalmente associada às culturas asiáticas (Nguyen, 1998; Fong & Yung, 1995). Estes relacionamentos fora do grupo desafiam valores e estilos de vida mais tradicionais (Châm, 2017).

Expectativas filiais e manutenção da tradição familiar

Como já mencionado anteriormente, neste aspeto a cultura chinesa é concebida como coletivista por enfatizar a importância do papel da família no casamento, e devido ao frequente envolvimento dos pais na escolha de parceiros românticos (Xiaohe & Whyte, 1990). Por isso, muitos descendentes de imigrantes chineses sentem-se sob pressão para atender às expectativas familiares em relação à escolha de parceiros e ao casamento, sendo que quando namoram fora da comunidade tendem a fazê-lo em segredo, devido ao facto da preferência familiar ser normalmente namorar dentro da etnia (Samuel, 2010).

De acordo com Hynie et al. (2006), manter relacionamentos dentro do grupo étnico faz algum sentido para jovens com ascendência chinesa, já que para eles é de grande importância que o seu cônjuge seja capaz de contribuir para a preservação da honra e continuidade da linhagem familiar, de modo a satisfazer os anseios parentais. Porém, há que ter algum cuidado com estas inferências, uma vez que, estando sentimentos e emoções envolvidas, é possível que jovens que inicialmente procuram parceiros(as) com características mais tradicionais possam acabar em relacionamentos com pessoas de outras ascendências étnicas (Chong, 2020).

Ainda assim existem fatores que incentivam os jovens de ascendência chinesa a preferirem namorar dentro da sua comunidade. Como, por exemplo, a língua que é um fator incrivelmente importante na seleção de parceiros. Pois, por um lado, é uma maneira de desenvolver e manter a herança cultural (Zhang & Defoe, 2009), por outro, é importante que os seus parceiros saibam mandarim para que consigam estabelecer uma relação próxima com as suas famílias que não sabem falar português, pois “um casamento não é a união de duas pessoas, mas antes de duas famílias” (Nguyen, 1998 p.160).

Este e outros fatores estão ligados a valores confucionistas, que caracterizam a tradição cultural chinesa, como o respeito pela piedade filial, e que pressupõe que os filhos devem obedecer aos pais, irmãos mais velhos e anciãos, assegurando a continuidade da linhagem familiar e honrando o nome da família (Zhang & Defoe, 2009). É também esperado que os filhos sustentem os pais e lhes forneçam apoio psicológico e financeiro durante a sua vida (Zhang & Kline, 2009). Por isso, manter um relacionamento amoroso fora do grupo implica que os parceiros compreendam e aceitem as obrigações da cultura chinesa em relação à família.

Influência dos grupos sociais na seleção de parceiros

As relações sociais estão ligadas umas às outras, não ocorrendo de forma isolada. Um casal necessita da validação da sua relação amorosa por parte dos membros das suas redes próximas

(Zhang & Kline, 2009), já que o apoio das redes sociais desempenha um papel crucial no desenvolvimento e na estabilidade de uma relação amorosa (Yampolsky et al, 2020). Portanto, quanto mais os parceiros se envolvem com a família e amigos dos seus companheiros, menores são as inseguranças e as sensações de incerteza dentro da relação (Zhang & Kline, 2009). De acordo com Zhang & Kline (2009), verifica-se uma tendência para os jovens chineses atribuírem uma maior importância à opinião dos membros da sua rede social na tomada de decisões sobre o casamento, sendo também mais propensos a acatar essas opiniões.

Estes autores apontam ainda para a importância do conceito de guānxi (关系) na compreensão dos processos de seleção de parceiros na sociedade chinesa (Zhang & Kline, 2009). Guānxi refere-se a um complexo conjunto de relações interpessoais fundamentadas em conexões sociais profundas (Zhang & Kline, 2009). Esta noção abrange uma vasta gama de relacionamentos, desde amizades e ligações românticas até relações entre pais e filhos, e entre colegas de trabalho. Para os chineses é imperativo que as redes sociais entre parceiros sejam harmoniosas e complementares, gerando assim uma preferência marcada pelo namoro dentro da própria comunidade (Chu & Ju, 1993).

Para além desta importância na compatibilidade dos círculos sociais, os jovens e respetivos pais nutrem uma série de outras expectativas em relação aos parceiros, as quais têm evoluído ao longo do tempo. Se, num passado recente, a noção do parceiro ideal se centrava em atributos como a obediência, a honestidade e passividade, atualmente os jovens aspiram encontrar alguém que seja atraente, bem-apresentado, comunicativo e romântico (Yan, 2003). Este desvio reflete as profundas transformações sociais que têm ocorrido na China nas últimas décadas, refletindo não apenas mudanças no comportamento individual, mas também na perceção coletiva de valores e ideais.

Metodologia

Neste trabalho decidi seguir uma abordagem qualitativa por esta privilegiar informações contextuais relevantes para um entendimento mais profundo do comportamento humano e assim permitir uma melhor compreensão das perspetivas individuais e culturais de jovens filhos de imigrantes chineses em Portugal (Rumbaut 2004).

Ao ter como objetivo conhecer as experiências dos jovens de ascendência chinesa no estabelecimento de relações de intimidade, este tipo de abordagem permitiu-me uma maior imersão tanto nos contextos individuais como nos contextos sociais mais amplos em que estes jovens estão inseridos, e compreender de que maneira eles atribuem significados às suas escolhas e entendem os desafios que enfrentam no estabelecimento de relacionamentos amorosos.

O meu trabalho é fortemente influenciado pelos paradigmas interpretativista e construtivista. Da abordagem interpretativista destaco a importância da compreensão dos significados e das interpretações que as pessoas fazem das suas próprias experiências (Geertz, 1973), neste caso, a interpretação que fazem relativamente à escolha de parceiros, tendo em conta elementos como identidade étnica, cultura, normas familiares e experiências de imigração. Já o paradigma construtivista permite aqui salientar o modo como a realidade é construída de forma subjetiva pelos sujeitos (Charmaz, 2014), permitindo-me compreender como é que os jovens de ascendência chinesa constroem as suas próprias perceções e justificações para a seleção de parceiros tendo em conta a influência das suas interações sociais e experiências individuais e culturais. Assim, no âmbito da pesquisa qualitativa conduzi uma pesquisa etnográfica (Hammersley & Atkinson, 2007), método de pesquisa que envolveu a realização de observação participante, de entrevistas semiestruturadas e a consequente elaboração de notas de campo, que foram posteriormente analisadas. Esta estratégia metodológica permitiu-me uma maior compreensão das práticas, comportamentos e significados atribuídos pelos jovens em contextos relacionais tanto com parceiros românticos como com os seus pais. Assim, procurei compreender as formas de interação dos casais, incluindo como demonstravam afeto, como resolviam os conflitos e o tipo de conflitos enfrentados. Também me interessava compreender a liberdade que os jovens sentem que têm para tomar decisões em diversas áreas das suas vidas, incluindo relacionamentos amorosos, e como negociam essas decisões com os seus pais.

Para a recolha de dados realizei dez entrevistas através da aplicação de um guião de entrevista semiestruturado para que não houvesse perda de foco na pesquisa, mas mantendo abertura à exploração de tópicos relacionados com o tema que pudesse surgir durante a entrevista. A entrada no campo apresentou desafios significativos. Além destas dez entrevistas tive conversas informais com mais três jovens, porém não foi possível realizar entrevistas com os mesmos, esta dificuldade deveu-se ao fato de eles não se sentirem confortáveis num contexto de entrevista formal ou não terem disponibilidade para dedicar uma ou duas horas seguidas para

responder às perguntas. Em vez disso, eles sugeriram que fossem realizadas pequenas conversas ao longo do período de pesquisa, conversas essas que também mantive com outros interlocutores que aceitaram fazer entrevista, mas que também se demonstraram disponíveis para responder a questões que surgissem durante toda a investigação. Fiz também observação participante (Bernard, 2006) ao passar tempo com os jovens e vê-los interagir principalmente com os seus parceiros. Depois de concluídas e transcritas as entrevistas foram analisadas, juntamente com os dados da observação participante, através da técnica da análise de conteúdo (Freitas & Janissek, 2000) de maneira a identificar padrões e nuances. Fiz uso da interpretação e codificação da informação em tabela, o que me permitiu criar uma lista de ideias-chave para interpretar e escrever sobre o tópico (Freitas & Janissek, 2000). O uso de técnicas como a da entrevista semiestruturada, e observação participante, tiveram como objetivo, através de uma ou várias conversas fluidas e em contextos de interação social, obter dados ricos e detalhados sobre o tema em questão, nomeadamente aceder a importantes interconexões sobre o tema que não estavam contemplados inicialmente no projeto, mas que se mostraram fundamentais para a sua compreensão (Bernard, 2006). Além das entrevistas, como já mencionei anteriormente, realizei observação participante, na medida em que o campo o permitiu. Apesar de estar a trabalhar a tempo inteiro e haver muitas incompatibilidades nos nossos horários, bem como resistência de algumas pessoas, sempre que possível convivi com estes jovens em horário escolar, quando me encontrava na cidade universitária, participei em jantares e sessões de estudo por vezes com os seus parceiros, e outras sozinhos. Além disso, realizei observação das suas redes sociais, focando principalmente nas formas de interação com os seus parceiros. Nesta análise dei especial relevância a saber se os casais postavam fotos juntos, se comentavam as publicações uns dos outros e o tipo de comentários que faziam. Tudo isto com fim de vivenciar e participar ativamente no ambiente social destes jovens. Tal possibilitou uma melhor compreensão das interações entre eles e seus companheiros(as), além de verificar e observar contradições em relação ao que fora mencionado em situação de entrevista (Bernard, 2006).

O meu universo de pesquisa é limitado a jovens portugueses de ascendência chinesa que tenham sido socializados desde pequenos (idade inferior a 18 anos) em Portugal, com ou sem nacionalidade chinesa que residam em Portugal, e que tenham mais de 18 anos. Neste trabalho limitei a minha amostra a jovens que estejam ou procurem estabelecer relações heterossexuais, na medida em que a orientação sexual homossexual coloca outras questões de pesquisa além das aqui enunciadas que merecem uma pesquisa autónoma apenas dedicada a esse tema.

Este projeto, como qualquer outro trabalho acadêmico, envolveu considerações éticas relevantes, especialmente por se tratar de um tópico muito sensível que aborda questões emocionais. Com base na minha experiência com a comunidade chinesa durante um trabalho de pesquisa anterior (Gama, 2022), compreendi que alguns destes jovens têm alguma propensão para ocultar informações aos seus pais de maneira a poder atuar e tomar decisões fora da esfera de influência parental. Portanto, considerei fundamental manter o anonimato dos participantes, através da atribuição de nomes fictícios, bem como através da manutenção da confidencialidade de algumas informações que eles não querem, por qualquer motivo, que sejam divulgadas ou que possam de alguma forma identificá-los. Estas precauções foram garantidas por meio de um protocolo de consentimento, no qual solicitei que assinassem antes do início da recolha de dados. Além disso, fiz questão de informar os participantes de que este trabalho é de natureza académica, e mantive-os atualizados sobre as decisões tomadas ao longo do processo de pesquisa.

Este estudo, como mencionado anteriormente, lança luz sobre questões emocionalmente sensíveis no interior de uma comunidade notoriamente fechada e de difícil acesso (Rodrigues, 2012). Apesar dos meus esforços meticulosos para estabelecer uma rede de contatos prévios com jovens dispostos a colaborar nesta pesquisa, incluindo pelo menos dois que estão envolvidos em relacionamentos íntimos com parceiros(as) de ascendência não chinesa, deparei-me com uma série de obstáculos significativos ao tentar conectar-me com a comunidade em questão. Muitos dos meus contatos estabelecidos em anos anteriores optaram por não responder às minhas tentativas de comunicação, enquanto outros, embora inicialmente concordassem em participar, acabaram por desaparecer sem deixar rasto. Fui confrontada com a necessidade de ser incansável e persistente na minha abordagem, mesmo sem garantia de resultados imediatos ou de cooperação.

No entanto, consegui a colaboração de treze jovens, um grupo composto por cinco rapazes e oito raparigas, dispersos por vários distritos de norte a sul de Portugal, residentes nos distritos do Porto, Viseu, Lisboa, Setúbal e Faro. Quatro desses participantes eram contatos que eu já tinha estabelecido anteriormente, enquanto os restantes seis foram alcançados através de amigos comuns que, gentilmente, serviram de intermediários e de contatos feitos através da rede social digital Instagram. Foi apenas possível fazer entrevistas a dez destes informantes, uma vez que os outros três estiveram apenas dispostos a conversas informais sobre o tema como já esclareci anteriormente.

Devido a estas dificuldades encontradas na manutenção de interlocutores, optei por utilizar a técnica de amostragem em bola-de-neve (Bernard, 2006, p.193) para construir a minha amostra, a seleção foi feita de acordo com a disponibilidade encontrada de pessoas que correspondem às características pretendidas. Estabeleci contato com indivíduos fora de Lisboa, particularmente nas cidades do Porto e de Viseu e, por isso, aproveitei as ocasiões em que os entrevistados visitaram Lisboa para contactá-los pessoalmente. Quando a interação presencial não foi viável, recorri ao uso de plataformas virtuais, como o Zoom, para conduzir as entrevistas (Meho, 2006).

Capítulo 1: Tradição Familiar e Vida Amorosa: a influência de grupos sociais nas escolhas e nas práticas de intimidade

A vida amorosa dos jovens com ascendência chinesa em Portugal difere significativamente daquela vivenciada pelos seus pais e avós na China, quanto tinham sensivelmente a mesma idade. O entendimento destas experiências amorosas no contexto temporal e espacial em que ocorreram ajuda-nos a compreender as preferências matrimoniais dos imigrantes chineses para as gerações seguintes.

Na China, até há relativamente pouco tempo, o namoro, e ainda mais a monogamia em série (Andersson, 2015), ou o namoro com várias pessoas ao longo da vida, não era algo muito convencional. O padrão era os jovens, após concluírem os estudos ou por vezes antes disso, transitarem diretamente de solteiros para casados (Schneider, 2014). Embora houvesse exceções, e muitos jovens chegaram de facto a namorar, esta prática não era bem vista pelas comunidades, pois era entendido que era responsabilidade dos pais escolher ou orientar as escolhas de parceiros(as) para os filhos. Embora desde a Lei do Casamento de 1950, os casamentos arranjados tenham sido ilegalizados, a tradição de serem os pais a organizar essa parte da vida dos filhos, de certa maneira, prevaleceu (Uskul, Lalonde & Cheng, 2007).

Também a construção da intimidade tradicionalmente se desenrolava após a celebração do casamento e à medida que o casal se tornava mais familiarizado e se adaptava um ao outro (Ma, 2014). Manifestações públicas de afeto não eram socialmente aceites (Zhou, 2018), sendo preferencialmente reservadas para o ambiente privado do lar, longe de olhares alheios. Este distanciamento público contribuía para uma noção de respeito e modéstia valorizada pela sociedade.

De acordo com Lai (2014), até à década de 1980 não existia um discurso público sobre o que era o amor. Quando a China se abriu ao exterior a partir de 1978, com a Política de Reforma e Abertura, uma série de ideais ocidentais de amor romântico penetraram nas mentes dos jovens chineses, segundo eles, até aí os jovens não sabiam expressar sentimentos de amor, ou pelo menos não o expressavam à maneira ocidental, por ser entendida até à altura como antirrevolucionária (Lai, 2014). O amor era frequentemente concebido como um sentimento associado ao capitalismo. Segundo Lai (2014), na China Maoista, o amor era considerado um luxo das classes altas, pois as classes trabalhadoras estavam excessivamente ocupadas com a luta de classes para ter o privilégio de despender tempo com amor. Além disso, o conceito de

amor e a sua expressão, conforme compreendido no contexto ocidental — por exemplo, através de beijos, declarações de amor, entre outras manifestações — não eram amplamente aceites na China daquela época.

O próprio testemunho de Lai (2014) reflete essa perspectiva, ao afirmar que "aprendeu o que era amor romântico através de livros ocidentais". Isto sugere que, embora o amor seja um sentimento universalmente experienciado, a sua expressão varia conforme a área geográfica e o contexto cultural. Na China, as formas ocidentais de expressar afeto eram percebidas pelo governo como contrarrevolucionárias devido à sua origem ocidental. No entanto, é importante notar que existiam formas pelas quais os indivíduos podiam demonstrar o carinho e afeto em contexto cultural chinês, embora estas formas específicas de expressão não sejam claramente detalhadas por Lai é possível encontrar descrições destas práticas na obra de Yan Yunxiang, *private life under socialism* (2003), que será mencionada mais à frente. Esta noção da ausência de amor na época dos seus pais e avós foi algo que também constatei durante o meu trabalho de campo. Num dado momento, enquanto conversava com Muyang, um jovem de 23 anos, ele partilhou comigo alguma incerteza quanto ao facto de a relação dos seus pais ter como base o amor romântico, uma vez que se casaram, na opinião dele, por conveniência. Atenção que quando nos referimos a 'conveniência', neste contexto, estamos a abordar a situação em que os pais de Muyang, seguindo as normas culturais chinesas, decidem casar-se um com o outro simplesmente porque atingiram a idade considerada apropriada para o matrimónio na China (20/22), e não tendo mais parceiros(as) identificados ou imediatamente disponíveis decidiram ficar juntos. Apesar de os seus pais terem desenvolvido uma forte amizade ao longo do tempo, Muyang não testemunha muitas demonstrações de carinho entre eles.

Acho que é uma paixão à sua maneira tipo, pronto amor é diferente para cada um não é, mas tipo eu acho que foi um pouco por conveniência, estavam na idade de casar, e prontos gostavam um do outro mais ou menos, mas pronto com o tempo foram habituando-se um ao outro

Muyang, 23 anos

Obviamente, não é possível afirmar que não existia amor romântico na China durante a época em que os pais dos meus informantes se conheceram e casaram. No entanto, o amor e a expressão do amor desses pais não seguem os padrões ocidentais conhecidos e compreendidos pelos filhos de modo que permitam classificar a relação dos pais como amor romântico. No livro *The Ugly Wife Is a Treasure at Home. True Stories of Love and Marriage in Communist*

China (2018), uma compilação de testemunhos de chineses que casaram e viveram na China comunista, uma senhora menciona que a sua mãe a amava, mas não sabia como expressar esse amor (Schneider, 2014). De facto, a maneira de expressar amor desta mulher era diferente da forma que a sua própria mãe adotava. No entanto, ela percebia que a mãe a amava, o que comprova a existência de um conjunto de práticas e expressões que comunicam amor e intimidade entre pessoas chinesas nessa época, como também se pode constatar na obra de Yan Yunxiang, *Private life under socialism* (2003), onde o autor revela que a partilha de alimentos, a ajuda mútua, as dedicatórias de músicas românticas populares e a própria linguagem corporal eram demonstrações aceitáveis de amor na China das décadas de 1950 até à década de 1990. Para além disto, era normal os casais novos dizerem que gostavam um do outro – “Wǒ xǐhuān nǐ 我喜欢你”, e que sentem a falta um do outro “Wǒ xiǎng nǐ 我想你”. Amor ài 爱 era normalmente usado para falar em quem se ama, mas não se costumava dizer à pessoa que se ama que se a amava. Durante o meu trabalho de campo tive contacto com algumas pessoas chinesas que expressam o seu amor e carinho pelos outros de uma forma mais tradicional, nomeadamente na preparação e partilha de comida, e na disponibilidade para ajudar, que acabam por ser demonstrações de carinho, eventualmente associadas ao período do coletivismo na China.

Uma das situações que observei foi um jantar que partilhei com Sangzhi, o namorado e diversos outros amigos, e durante o qual observei atentamente as dinâmicas de interação social e os papéis desempenhados por cada um deles. Notei que Sangzhi assumiu um papel quase maternal, em relação a todo o grupo, mas especialmente em relação ao seu namorado. Na China, tradicionalmente a mulher tem o papel de cuidar de todos os membros da família, servindo como elemento de harmonia familiar. Aqui, o grupo parecia quase representar uma família, com Sangzhi a tratar da comida e a distribuí-la de acordo com as preferências alimentares de cada um, sempre atenta para que os que não comiam comidas picantes não se enganarem por acaso no lado do *hotpot* de onde retiravam a sua comida. A atuação de Sangzhi nesta saída de grupo reflete a importância dos papéis tradicionais de género na cultura chinesa, onde a mulher frequentemente assume responsabilidades que garantem o bem-estar e a coesão do grupo (Rodrigues, 2009). A atuação de Sangzhi não apenas exemplifica estes valores culturais, mas também evidencia como as normas sociais e expectativas de comportamento são reproduzidas em contextos informais e quotidianos.

No que diz respeito às interações com o namorado, Sangzhi sussurrava-lhe pequenas trivialidades ao ouvido, e quando falou sobre o assunto expressou orgulho pelo fato de ele estar a aprender a língua da sua família. Além disso, colocava comida no prato dele e chegou até a descascar-lhe uma tangerina. No final do jantar e retirou-lhe um rebuçado de um pote do restaurante enquanto ele foi pagar a conta. Em momentos que julgava não estar a ser observada, Sangzhi demonstrava afeto segurando carinhosamente no braço do namorado.

Porém, atualmente, gastar dinheiro com a outra pessoa, nomeadamente dar presentes a quem se quer demonstrar amor é uma expressão mais contemporânea desta dedicação ao outro (Zhou, 2018), o que também tive a oportunidade de observar entre a Sangzhi e o seu namorado.

Conforme discutido por Rodrigues (2012) em *Flows of Fortune: the Economy of Chinese Migration to Portugal*, estes presentes não se limitam a simples desejos de consumo, mas desempenham também um papel crucial no estabelecimento de conexões sociais e relacionamentos interpessoais. No caso específico dos casais, presentear vai além do mero desejo pessoal por objetos de consumo, influenciam também dinâmicas sociais, incluindo relações amorosas. A troca de presentes entre namorados não reflete apenas o cuidado e a atenção mútua, mas também fortalece os laços emocionais e sociais. Esses gestos são percebidos não apenas como atos de generosidade material, mas como investimentos no relacionamento, contribuindo para a construção e manutenção de vínculos afetivos e de status dentro da comunidade (Rodrigues, 2012).

Preferências conjugais dos pais imigrantes

A literatura sobre o tema da construção da intimidade destaca o papel fundamental da família na tomada de decisões dos jovens imigrantes chineses de segunda geração. Tal como já evidenciado na secção anterior, os matrimónios chineses, historicamente, transcendem a mera junção de duas pessoas: são, antes, a “aliança de grupos de parentesco” (Rodrigues, 2009, p.140). Dado que o matrimónio de duas pessoas implica diretamente duas famílias e a vontade individual dos membros do casal nem sempre é suficiente para a concretização deste desígnio (Xiaohe & White, 1990).

Observei que, entre os meus interlocutores, se verificava uma busca por parceiros(as) que desejem estar ativamente envolvidos em práticas culturais chinesas, o que revela que as aspirações de vida destes jovens estão profundamente vinculadas a um sentimento de reciprocidade para com os pais e familiares, especialmente na preservação da cultura, quer seja

no casamento, quer seja na educação das gerações futuras. Com base no que me disseram é possível deduzir que existe o desejo explícito de integrar ativamente a cultura chinesa na educação dos seus filhos.

Acho que vou fazer um esforço para que os meus filhos pelo menos aprendam a falar chinês, eu sinto-me um pouco mal por não saber falar muito bem, então gostava que os meus filhos soubessem.

Luyue, 21 anos

Esses valores confucionistas são transmitidos pelos pais e avós às gerações seguintes, enfatizando o dever de piedade filial que parece ser um dos principais motores de ação dos jovens chineses. No entanto, essa responsabilidade não é vista como uma condição impositiva, mas como uma responsabilidade voluntária (Evans, 2007), que é integrada como uma prática de gestão das suas relações com os pais. Então apesar de serem fundamentais, os valores confucionistas não são vistos pelos jovens como regras rígidas, mas sim como responsabilidades que eles têm a liberdade de assumir se assim o desejarem. Por exemplo a mudança de opinião de Xiaoli, uma jovem com quem mantenho contacto há alguns anos, é disso um exemplo claro: inicialmente estava comprometida em preservar a cultura chinesa através do casamento e da maternidade, mas posteriormente veio a decidir que não se quer casar nem ter filhos, indo contra as expectativas tradicionais familiares. Isto demonstra uma evolução dinâmica dentro da comunidade, onde os indivíduos influenciados por perspectivas pessoais e contextos sociais contemporâneos podem divergir das normas estabelecidas pelos valores culturais num momento e convergir noutra.

O casamento não é um objetivo para mim, nem penso nisso, nem gostava de ter filhos. Os meus pais sabem, mas acham que eu estou a ser tola, dizem que depois não tenho quem tome conta de mim.

Xiaoli, género feminino, 20 anos

Xiaoli enfrenta pressão familiar nomeadamente através do questionamento das suas escolhas de vida, quando os pais com frequência a avisam de que acabará sozinha caso não siga as normas culturais.

Atualmente acho que os pais estão mais preocupados que a gente se case do que propriamente com quem, atualmente já não há muita vontade de casar pela parte dos jovens. Yuchen, género masculino, (24 anos)

Estas alterações de mentalidade não passam despercebidas aos pais que se tornam cada vez mais ansiosos ao assistir à falta de interesse dos seus filhos em formar uma família. Mesmo na China, há algum tempo que se vem observando que há casais que põem em causa a formação de uma família para se dedicarem exclusivamente à sua carreira (Rodrigues, 2009). A influência da cultura portuguesa nas famílias chinesas imigrantes, contribui assim para diminuir ligeiramente a relevância atribuída às decisões familiares no que concerne à vida amorosa dos jovens. Isto ocorre porque, como previamente mencionado, a sociedade portuguesa adota uma postura um pouco mais individualista, dando prioridade à decisão pessoal na escolha de um parceiro. Contudo, apesar de viverem em Portugal, pelo facto de, desde tenra idade, estes jovens terem sido socializados por familiares com valores confucionistas, nomeadamente o respeito pela piedade filial, o respeito pelas opiniões parentais tende a ser mais elevado do que a de um jovem português sem ascendência chinesa.

Os meus pais não interferem diretamente na minha vida amorosa ou na do meu irmão. Eles costumam influenciar indiretamente a nossa consciência. Crescemos com valores que nos foram impostos, o que significa que nós sabemos o que faria os nossos pais felizes ou não. Um dos nossos objetivos é proporcionar a felicidade deles, então, mesmo que não interfiram diretamente com ações, sempre consideramos indiretamente na nossa consciência o que fazer ou não.

Yueying, género feminino 26 anos

O discurso de Yueying demonstra como a influência parental acontece de forma não abertamente verbalizada, mas através de um conjunto de expectativas sobre a relação entre pais e filhos. Apesar do contexto cultural confucionista, e de os jovens de ascendência chinesa serem conscientes das vontades dos seus pais e de procurarem, tanto quanto possível, agradar-lhes, tal como vimos anteriormente, tal não significa necessariamente que estes jovens comprometam a sua vontade e felicidade individual para acomodar os desejos e expectativas dos pais relativamente ao cumprimento de tradições culturais das suas famílias. Este é o caso de Hua Jun, um jovem de 22 anos que, apesar de entender a importância dada pelos seus pais à manutenção da cultura chinesa, não está ativamente à procura de uma parceira por esses motivos.

É importante para mim manter a minha cultura, mas para ser sincero não vou estar à procura de uma chinesa só para tentar manter cultura e tradição”

Huajun, género masculino, 22 anos

Mas quais são as expectativas que estes pais têm em relação à vida amorosa e futuros casamentos dos seus descendentes? Bem, as aspirações dos pais imigrantes chineses em relação a este tema giram quase exclusivamente em torno da preservação da cultura chinesa e da ascensão social, o que Merton designou como hipergamia (Merton, 1941). A hipergamia é o conceito que entende que o casamento é uma escada para a ascensão na hierarquia social. Neste caso hipergamia é uma estratégia social em que uma pessoa de uma classe baixa estabelece uma relação com alguém de um status social mais elevado, com maior capital social e cultural, alguém com mais rendimentos e maior nível de escolaridade, com fim à ascensão social e ao acesso a recursos e oportunidades que de outra forma seriam inacessíveis (Buunk & Dijkstra, 2017). Nesse contexto, os pais imigrantes frequentemente antecipam que os seus filhos estabeleçam relacionamentos com parceiros provenientes de famílias de classes sociais mais elevadas, com o objetivo melhorar a qualidade de vida de toda a família já que, tradicionalmente, os pais chineses depois da reforma vão viver com os seus filhos.

Assim, as principais características que os pais procuram nos potenciais parceiros(as) para os seus filhos incluem a ascendência chinesa, a proficiência no mandarim e a obtenção de um grau de ensino superior como garantia de futura estabilidade financeira.

A ascendência chinesa é frequentemente vista como crucial, pois proporciona uma conexão cultural e uma base sólida para a continuidade da cultura chinesa, como o respeito pelos mais velhos, a celebração dos festivais tradicionais, como o ano novo chinês e o festival da lua, e ainda a manutenção da língua chinesa que assegura a comunicação na família. Para além disto, a preferência pela semelhança étnica em parceiros provém também da importância que a família desempenha na sociedade chinesa, sendo a coesão familiar altamente valorizada. Quando falo de semelhança étnica não estou a falar apenas de chineses vindos de qualquer parte da China, existem pais que têm uma preferência por parceiros(as) para os filhos que venham da mesma província da família, pois consideram que isso irá evitar conflitos e gerar mais compreensão mútua pela facilidade de comunicação advinda da partilha. Muyang relatou-me o caso do seu primo, oriundo da província de Zhejiang (leste da China) que teve discussões com os seus pais devido ao facto de a sua namorada ser oriunda da província de Guangdong (Cantão, no sul da

China). Esta preferência por pessoas da mesma província, e até da mesma cidade ou região, vai muito além do casamento e acontece também nos negócios. Os migrantes de Wenzhou e Qingtian (província de Zhejiang) em Portugal tendem a preferir fazer negócios no interior da rede de relações da sua terra natal e tendem a estabelecer de menos confiança com os naturais de outras províncias e regiões (Rodrigues, 2013). Esta forte distinção entre nativos e forasteiros, e chineses e estrangeiros é comum na própria China, sendo frequente observá-la nas grandes cidades chinesas aonde afluem muitos trabalhadores migrantes de zonas rurais (Rodrigues, 2013). Tal distinção também existe oficialmente através do Sistema de Registo Residencial, conhecido como *Hukou*, criado na década de 1950. O *Hukou* funciona como um passaporte interno que classifica as pessoas na China em dois grupos: urbanos e rurais. A sua implementação teve como principal objetivo prevenir a grande mobilidade existente entre as zonas rurais e os grandes centros urbanos. Para alcançar esse objetivo, o sistema restringe o acesso a serviços públicos essenciais, como educação e saúde, criando uma grande separação entre as populações migrantes e a população local, forçando-os a trabalhar em profissões menos populares e extremamente mal remuneradas, tudo isto com base na origem do indivíduo. Essa restrição cria barreiras sociais e económicas significativas para os migrantes internos, agravando as desigualdades entre diferentes regiões do país (Kuang & Liu, 2012) e promovendo a discriminação não só contribuindo para a formação e reforço de estereótipos regionais, como também agravando as condições socioeconómicas dos migrantes nas zonas urbanas. Não tendo tido oportunidade de explorar as causas da insatisfação da família de MUYANG para com a origem da namorada do seu primo, considerando o contexto de grande discriminação de tratamento e desconfiança entre pessoas afastadas do círculo cultural e posteriormente regional, étnico e nacional (Rodrigues, 2012), muito provavelmente tem a ver com o facto de anteciparem dificuldade na partilha de códigos culturais e linguísticos, pois Cantão tem algumas práticas culturais regionais próprias e falam sobretudo cantonês e não um dos muitos dialetos da província de Zhejiang. Estes fatores podem assim influenciar as perceções e preferências familiares em relação aos parceiros de seus filhos.

Escolher um parceiro com ascendência chinesa é, por isso, visto como uma maneira de fortalecer os laços familiares. Ligado a isso está também a preferência dos pais por alguém que seja fluente em mandarim devido a fraca fluência no português dos imigrantes chineses. É importante dizer que em famílias com pouca escolaridade, a domínio do mandarim é fraco e não é a forma de comunicação preferencial, pelo contrário, os dialetos locais são a forma de comunicação preferencial em família. Estas características, para além de desenvolver e manter

a herança cultural (Zhang & Defoe, 2009) possibilitam o estabelecimento de relações próximas com os parceiros(as) dos filhos.

Como pelo menos o meu pai não é fluente em português e a comunicação é importante para ele, porque uma namorada minha vai fazer parte da minha família e vice-versa, acho que é importante a minha namorada pelo menos saber falar chinês. Isto para os meus pais.

Yifeng, género masculino, 21 anos

Para os imigrantes chineses, a conquista do ensino superior é encarada como um meio essencial para os seus filhos atingirem um estatuto social mais elevado e garantirem um futuro próspero para a sua família. Muitos dos entrevistados partilharam comigo que os potenciais parceiros(as) não serão considerados pela família como uma hipótese viável se não possuírem um diploma universitário numa área que prometa uma boa remuneração. Já que a estabilidade financeira é vista como um elemento crucial que permite aos jovens ascender socialmente (Mok & Wu, 2015). Os pais procuram garantir que o futuro parceiro seja alguém capaz de prover um sustento seguro e confortável para o seu filho(a) e para a eventual família que possam vir a constituir independentemente do género.

Embora teoricamente a obtenção de credenciais de ensino superior possa beneficiar estudantes de famílias pobres e com redes sociais limitadas, na prática, a expansão do ensino superior parece beneficiar menos esses estudantes em termos de promoção da mobilidade social ascendente. Muitos graduados enfrentam o desemprego, desafiando a crença parental de que um diploma universitário garante estabilidade. A crescente massificação do ensino superior trouxe consigo desafios significativos em relação ao emprego de graduados e à mobilidade social, especialmente na China, onde o contexto familiar é um fator crucial que influencia a empregabilidade dos licenciados (Mok & Wu, 2015).

Estudantes oriundos de famílias menos privilegiadas, com menor capital social e cultural, enfrentam taxas de desemprego mais altas e salários mais baixos, mesmo quando apresentam desempenho académico semelhante ou superior aos de seus colegas mais favorecidos (Mok & Wu, 2015), o que sugere que as redes sociais como as *guanxi* desempenham um papel importante no sucesso profissional posterior à formação superior. Apesar disso, tal não parece ter ainda afetado as expectativas dos pais que continuam a esperar que os seus filhos obtenham um diploma universitário, acreditando que isso permitirá que emigrem para países com maior

oferta de emprego. Esse é o caso de Mariana e Marco, dois irmãos com ascendência chinesa, quem trabalhei na pesquisa anterior (Gama, 2022) e que emigraram para o norte da Europa em busca de melhores oportunidades de emprego.

Limitações da vida social

A família não é, no entanto, o único grupo social que exerce influência significativa sobre a vida amorosa dos jovens de ascendência chinesa. Além dos membros da família, as redes sociais próximas, compostas por amigos, colegas de escola e/ou de trabalho, desempenham um papel de considerável importância na determinação do tipo de parceiro escolhido e até na estabilidade dos relacionamentos (Zhang & Kline, 2009).

Como previamente estabelecido na literatura, os jovens com ascendência chinesa tendem a selecionar amigos e parceiros com um *guānxi* compatível (Zhang & Kline, 2009), ou seja, pessoas com redes de contactos compatíveis e com objetivos, valores e expectativas alinhadas (Bian, 2019). Isso implica que as suas escolhas são, em grande parte, restritas ao seu círculo social imediato, que inclui muitos jovens portugueses. Dessa forma, a menos que estejam inseridos num amplo grupo social de jovens chineses ou de ascendência chinesa, ou a ativamente procurar conhecer pessoas de ascendência chinesa, precisamente para interagir e possivelmente se relacionar, é mais provável que acabem por se envolver emocionalmente com alguém sem ascendência chinesa.

Os participantes deste estudo estão maioritariamente inseridos num ambiente composto predominantemente por portugueses sem ascendência chinesa, dando conta da existência de poucas pessoas de ascendência chinesa no seu círculo social.

(...) e eu estou sempre rodeada de portugueses, a probabilidade de eu me apaixonar por um português é enorme.

Xiaoli, género feminino, 20 anos

A composição do seu círculo social também é influenciada pela ocupação que têm no momento. Durante o trabalho de campo, interagi com Zheming um jovem de ascendência chinesa que trabalhava na loja dos seus pais e que me confidenciou que, devido à carga horária de trabalho na loja, não tinha tempo para expandir o seu círculo social, o que, por sua vez, dificultava o estabelecimento de relacionamentos amorosos.

Ultimamente ando isolado e não falo com ninguém. Comecei a trabalhar para os meus pais e ando super ocupado e não ando a falar com literalmente ninguém.

Zheming, género masculino, 25 anos

Além das implicações mais diretas na falta de tempo para manter e expandir o seu círculo social, nomeadamente para procurar pessoas para estabelecimento de relacionamento amoroso, a fadiga resultante de longas horas de trabalho diminui a sua disposição para participar em atividades sociais e conhecer novas pessoas, mesmo que não esteja a trabalhar. Este desequilíbrio entre o trabalho e a sua vida pessoal leva a que experiencie uma sensação de isolamento e o que agrava a dificuldade em estabelecer relações sociais.

É também interessante pensar que o desencorajamento do namoro precoce na adolescência em detrimento do sucesso académico, correlacionado com a escassez de tempo disponível ao entrarem no mercado de trabalho, intensifica a tendência de adiamento no início de relacionamentos amorosos e no casamento. Este fenómeno, como ilustrado anteriormente no caso de Yuchen, é uma fonte de preocupação para os pais que, inadvertidamente, acabam por contribuir para agravar essa questão.

Capítulo 2: A intimidade de jovens com ascendência chinesa

Já foi contextualizado neste trabalho as abordagens de construção de intimidade na China e embora essa perspectiva seja crucial para a compreensão de certos aspetos da vida amorosa dos jovens com ascendência chinesa, é importante reconhecer que estes jovens tendem a não seguir os mesmos padrões ao nível das práticas de namoro e de estabelecimento de intimidade dos chineses continentais. As suas preferências e critérios de seleção de parceiros acabam por ser bastante influenciados pela interseção entre a ascendência chinesa e a influência da família e dos seus valores, e a experiência de crescer e ser socializado no contexto cultural e social português.

Durante a minha pesquisa, ficou evidente que os jovens entrevistados se encontram entre dois contextos distintos: por um lado, construir intimidade à maneira chinesa e, por outro construí-la à maneira portuguesa. Embora as diferenças possam parecer insignificantes, foi unânime entre os entrevistados que os chineses são mais reservados, não apreciam demonstrações públicas de afeto e tendem a ser mais sérios em relação aos relacionamentos íntimos (Yan, 2003). Para os chineses, “o desejo sexual e o toque físico são componentes normais do amor, porém são vistos como pertencentes à esfera privada e não coletiva” (Zavoretti, 2016, p. 29). Por outro lado, os portugueses são para estes jovens mais diretos, expressam o amor principalmente através do toque físico e são mais impulsivos em relação aos seus sentimentos, no sentido em que entram em relacionamentos amorosos sem grandes expectativas em relação ao futuro da relação.

Nas culturas asiáticas, as pessoas não expressam muito as suas emoções, então eles andam muito no vai não vai (...). Os portugueses são liberais e modernos.

Muyang, género masculino, 23 anos

Os meus interlocutores apresentam uma mistura destas características que eles próprios identificaram em cada uma das culturas. Por um lado, sentem que tendem a ser mais privados em relação à demonstração de carinho como fazem os chineses, e que levam tempo até se sentirem realmente confortáveis com alguém. Mas, por outro lado, vêem os relacionamentos como algo menos sério e não tão vinculativo como tendem a ser entendidos nos contextos chineses.

Eu gosto de tocar, mas em privado, sou tímido e dar as mãos ou abraçar em frente a pessoas deixa-me desconfortável, mas não sei bem porquê.

Yuchen, género masculino, 24 anos

Anteriormente, foi demonstrada a evidente influência exercida pelos grupos sociais sobre a forma como estes jovens se comportam e tomam decisões em contexto de relacionamentos amorosos. Aqueles que possuem círculos de amigos chineses e, de forma geral, uma maior afinidade com a cultura chinesa, demonstram uma abordagem mais tradicional na socialização e no estabelecimento de relações interpessoais (Tsai, Ying, & Lee, 2000). Este é o caso de Sangzhi, uma jovem de 21 anos que, apesar de estar envolvida numa relação interétnica, mantém as suas visões tradicionais sobre relacionamentos.

Nascida na China, veio para Portugal aos 5 anos de idade. Os seus pais representam o segmento mais tradicional do grupo com o qual interagi. Segundo Sangzhi, eles transmitiram os seus valores e desejos culturais de maneira indireta não lhe dizendo diretamente o que deve ou não fazer, mas demonstrando e ensinado a cultura chinesa pelo meio de práticas diárias, tradições familiares, e provérbios chineses. Sangzhi optou assim, devido à sua proximidade com a cultura chinesa, por seguir as preferências dos pais, o que para ela implica namorar tendo como objetivo o casamento, com um rapaz que tenha formação superior, que saiba falar mandarim, mas não necessita necessariamente de ser chinês, isto deve-se sobretudo ao problema das limitações sociais. A falta de presença de pessoas chinesas na proximidade da sua área de residência, obriga a que os seus pais aceitem que ela estabeleça relações com portugueses sem ascendência chinesa. Apesar de estar disposta a relacionar-se com jovens portugueses, estes devem aceitar que Sangzhi é mais tradicional e não aprecia demonstrações públicas de afeto, além de dar as mãos (muito de vez em quando), e devem também aceitar que não podem conhecer os seus pais até que haja um pedido de casamento.

Durante o meu trabalho de campo tive o privilégio de testemunhar algumas interações entre Sangzhi e o seu namorado, e apesar da descrição conservadora que ela fez da relação, observei uma série de estratégias do casal para demonstrar afeto que não me passaram despercebidas no jantar já anteriormente mencionado. Apesar de durante o jantar em grupo, o casal mal se ter tocado, o que para a maioria dos portugueses tornasse difícil acreditar que namoravam, foi possível observar igualmente uma grande cumplicidade entre eles, algo que às vezes é difícil de ver em casais portugueses. Mesmo falando pouco, Sangzhi ria de tudo o que o namorado

dizia, ouvia-o atentamente, e assumia um papel materno ao cuidar da comida dele. Colocava constantemente comida no seu prato e falava baixinho, como se estivessem a compartilhar segredos quando, na verdade, discutiam sobre assuntos triviais.

Embora as demonstrações de afeto sejam geralmente reservadas para ambientes privados, os jovens, de maneira sutil e muito discreta, manifestam carinho em espaços públicos. Apesar de o toque físico ser culturalmente considerado quase um tabu na China em relação à criação de intimidade, muitos dos entrevistados do sexo masculino identificam o toque físico como a principal forma de expressão de afeto. Para eles, o contato físico é visto como uma maneira poderosa de demonstrar amor e é considerado fundamental para estabelecer conexões emocionais profundas.

Além disto, passar tempo juntos é visto como fundamental pelos entrevistados. Para eles, a partilha de momentos demonstra ser importante para desenvolver confiança e intimidade na relação. O tempo investido em conjunto é visto como uma oportunidade para fortalecer os laços emocionais e criar memórias significativas, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma relação estável e duradoura.

Preferências e objetivos conjugais

Os critérios de seleção de parceiros entre jovens com ascendência chinesa revelam uma interseção entre influências culturais tradicionais e contemporâneas. Em consonância com pesquisas anteriores, indivíduos de origem chinesa continental tendem a priorizar atributos como rendimento financeiro, qualidade de vida, aparência física e uma personalidade que reflita traços considerados amáveis, obedientes e alinhados com os valores confucionistas no parceiro ou parceira (Yan, 2003). Adicionalmente, estudos indicam que mulheres chinesas heterossexuais muitas vezes buscam parceiros altos, atraentes e inteligentes, capazes de garantir o seu sustento e a melhoria da sua qualidade de vida (Zhou, 2018).

Contudo, a análise dos dados recolhidos nesta pesquisa sugere nuances dentro deste panorama no que concerne aos jovens com ascendência chinesa em Portugal. Os jovens entrevistados revelam uma perspectiva que transcende parcialmente as expectativas tradicionais. Eles apresentam uma mistura de valores ocidentais contemporâneos com elementos matrimoniais chineses (Zhou, 2018). Nesta dinâmica, a personalidade emerge como um critério

preponderante na escolha do parceiro, com muitos demonstrando uma relativa flexibilidade em relação aos padrões convencionais de beleza física.

Não precisa de ser assim muito bonito, mas que tenha uma cara fofa, tem de ter uma boa personalidade acima de tudo.

Xiaoli, género feminino, 20 anos

O que me interessa mais é a personalidade, desde que sejam simpáticas e inteligentes, claro que também não quero nenhuma bruxa feia, mas aspeto não é algo que ligue muito.

Yuchen, género masculino, 24 anos

Apesar das preferências individuais de cada entrevistado em relação ao tipo de personalidade desejada num parceiro, houve aspetos convergentes que se destacaram. Entre esses aspetos, destaco a importância de objetivos de vida semelhantes, interesses comuns e um certo nível de sensibilidade cultural, além de uma capacidade de comunicação aberta e respeito mútuo.

Para os entrevistados, é fundamental que os seus parceiros(as) compartilhem consigo objetivos de vida similares, pois isso para eles reflete valores convergentes e facilita o planeamento conjunto de vida, reduzindo potenciais conflitos. A presença de interesses compartilhados também é considerada crucial, pois fortalece o vínculo emocional ao permitir que estes casais desfrutem de atividades que apreciam em conjunto. No caso daqueles que consideram a possibilidade de relacionamentos interétnicos, a sensibilidade cultural emerge como uma prioridade. Isso implica que os parceiros(as) devem demonstrar respeito e compreensão pelas diferenças culturais, essenciais para estabelecer uma relação fundamentada na compreensão mútua, comunicação eficaz e na construção de pontes entre culturas.

Identifiquei uma dicotomia entre os indivíduos que demonstravam uma preferência mais pronunciada por jovens portugueses sem ascendência chinesa e aqueles que expressavam uma preferência por jovens de origem asiática, isto está ligado ao capital relacional associado à etnia (Chow, 2000), que são conjuntos de crenças em atributos valorizados, características e comportamentos associados tanto a pessoas de outra etnia quanto aos relacionamentos estabelecidos com essas pessoas.

Segundo Chow (2000) existem dois tipos de capital relacional associado à “raça” que, como sabemos, não é uma categoria biologicamente válida, mas faz neste contexto de pesquisa

específico associar estes dois tipos de capital relacional à etnia. Sendo que esta preferência por parceiros(as) brancos(as) está ligada a atributos reais ou imaginados que são atribuídos a europeus como: espontaneidade, melhor aparência física, serem mais desejáveis, mais interessantes, mais extrovertidos, mais modernos e menos conservadores que os asiáticos. Eu consegui observar este tipo de capital relacional nos jovens que tinham uma preferência por jovens portugueses sem outro tipo de ascendência.

Em geral acho que os portugueses tendem a ser mais extrovertidos do que os chineses, os rapazes chineses que eu já conheci são mais introvertidos quando se conhece a primeira vez [...], os rapazes portugueses acho que são logo extrovertidos e falam muito...

Luyue, género feminino 21 anos

Por outro lado, a união com alguém próximo à cultura chinesa é vista pelos jovens como proporcionando um nível de conforto mais elevado, derivado de uma maior aceitação familiar, empatia cultural intuitiva e a preservação de uma identidade étnica compartilhada (Chow, 2000).

Independentemente disso observei, entre os meus entrevistados, uma tendência para uniões interétnicas, principalmente com parceiros(as) europeus. Notavelmente, as uniões entre pessoas de ascendência chinesa e indivíduos negros não parecem ser consideradas uma opção viável pelos entrevistados, que quando indagados sobre a posição dos seus pais em relação a um relacionamento com uma pessoa negra, a maioria respondeu com um "nunca pensei sobre isso", indicando uma falta de consideração prévia sobre essa possibilidade. É importante ressaltar que essa observação não implica necessariamente uma atitude racista por parte da comunidade, pois durante meu seminário de licenciatura, interagi com jovens que estavam em relacionamentos com pessoas negras. Embora uma das entrevistadas tenha optado por manter esse relacionamento em segredo, ocultando-o da sua mãe, a outra namorava abertamente com o seu namorado, que inclusive conheceu a sua família sem haver quaisquer problemas. Estes casos demonstram uma diversidade de atitudes e abordagens dentro da comunidade em relação a relacionamentos interétnicos.

Ela [a avó] tem uma preferência por chineses e caucasianos e tem uma discriminação mais forte com pessoas indianas e pretas, mas com o meu namorado ela aceita. Lá está, é meio a brincar, meio a sério, ela sabe que se eu gostar da pessoa é porque fiz uma boa escolha. Até ontem estivemos a jantar e eles estavam a dar-se muito bem.

Sara, género feminino, 19 anos

Desde pequena que os meus familiares me dizem para eu não namorar com pretos, desde pequenina, e eu sempre fiquei com esta ideia mesmo que seja em subconsciente, eu não iria estar numa relação com um preto.

Sangzhi, género feminino, 21 anos

Apesar de as razões por detrás desta tendência para não se relacionarem com pessoas negras poder, nos casos específicos, não ter necessariamente implicações racistas, para fazer uma tal análise vale a pena compreender o contexto chinês relativamente à *raça*², uma vez que essas perceções podem influenciar significativamente as decisões conjugais destes indivíduos quando optam por companheiros.

O discurso racial na China é desde o século XVIII frequentemente interpretado como um mecanismo defensivo de estereotipização, comparável ao pensamento racial europeu do século XIX (Dikötter, 1992). A cor da pele também estabelece na China uma distância simbólica de classe, diferenciando os pobres que trabalham nos campos dos ricos proprietários de terras. Os “*demónios brancos* -白鬼“ (Dikötter,1992, p.38) simbolizam o mundo civilizado que, apesar disso, eram mal vistos por serem dominadores das outras *raças*, enquanto os “*demónios negros* -黑鬼” (Dikötter,1992, p.38) eram frequentemente estereotipados como a camada inferior da sociedade, sendo vistos como indivíduos de menor inteligência e higiene. Esta divisão não é restrita apenas à dicotomia entre brancos e negros; para os chineses, qualquer estrangeiro era percebido como ameaçador, mas havia uma hierarquia que colocava os brancos (caucasianos) no topo como imperialistas malignos em constante batalha com os extratos mais baixos, seguidos pelos amarelos, vermelhos, castanhos e, finalmente, os negros, estereotipados como idiotas e facilmente manipuláveis (Dikötter, 1992). Estereótipos raciais deste tipo começaram a ser mascarados durante a era Maoista pelo conceito de nacionalismo. Na cultura chinesa, o conceito de nacionalismo está intrinsecamente ligado à ideia de “*raça*”, representada pelo termo 民族 (mínzú), que significa nacionalidade, mas também pode significar povo ou grupo étnico. Assim, na era Maoista, este nacionalismo começou a ser baseado na consciência racial e num senso de continuidade biológica. Este entendimento do nacionalismo enfatizou a importância da preservação e continuidade das características raciais e culturais, integrando a identidade nacional com a ideia de uma herança racial partilhada (Dikötter, 1992).

² Raça aqui é usado enquanto construção social sem relação verdadeira com a realidade objetiva (Dikötter, 1992).

Estas ideias persistem na China contemporânea, principalmente entre imigrantes chineses, que estando fora do país, tendem a organizar-se em comunidades mais conservadoras que a própria sociedade de origem, mas também por serem mais suscetíveis à miscigenação nas gerações seguintes, o que pode reforçar estes ideais nacionalistas e o desejo de continuidade da linhagem, sendo o casamento no interior do grupo étnico uma forma de reprodução dessa identidade nacional. Assim, o nacionalismo chinês, ao camuflar uma série de estereótipos raciais, continua a influenciar as percepções que imigrantes chineses passam e eventualmente as decisões conjugais dos seus filhos, refletindo um complexo entrelaçamento entre raça, cultura e identidade nacional (Dikötter, 1992).

Capítulo 3 Relacionamentos interétnicos: Casamento e comunicação

Para entender as posições que os jovens com ascendência chinesa em Portugal têm em relação aos relacionamentos interétnicos, é fundamental considerar também a forma como a China, e mais especificamente o governo chinês, tem abordado politicamente os casamentos entre chineses e pessoas de outras origens étnicas. Tal deve-se ao facto das visões sobre relações envolvendo mais do que um grupo étnico destes jovens e dos seus familiares serem fortemente influenciadas pelo governo chinês e pelas suas políticas de relações internacionais (Wang, 2019).

A união entre chineses e estrangeiros foi considerada como algo vergonhoso para a identidade nacional desde os anos de 1940 até à década de 1970, conforme explicado por Wang (2019) em *A good girl will not date or marry a foreigner*. Nessa época, o amor entre chineses e estrangeiros era encarado como algo perigoso, que ofendia a dignidade nacional, isto porque prevalecia uma intensa desconfiança em relação aos estrangeiros e um grande medo de que os estrangeiros pudessem espalhar ideias capitalistas e subverter a ordem socialista, comprometendo assim a soberania e a estabilidade ideológica do país. Neste contexto qualquer chinês que tentasse estabelecer relações íntimas com estrangeiros era visto como contrarrevolucionários (Gjeroe, 2021).

Depois da Política de Reforma e Abertura da China, nas décadas de 1980 e 1990, verificou-se uma mudança de paradigma neste domínio, com a introdução de noções ocidentais de amor e intimidade. Estas noções não só alteraram a forma como os chineses se relacionavam entre si, como também influenciaram muito ligeiramente a maneira como percebiam os relacionamentos interétnicos (Wang, 2019). Embora os relacionamentos entre chineses e estrangeiros continuassem a ser parcialmente vistos como uma forma de colonização ocidental, e uma tentativa do homem branco escravizar a mulher chinesa, ao longo do tempo estes relacionamentos têm sido cada vez mais normalizados (Wang, 2019), e passaram inclusivamente a ser vistos como uma forma de as mulheres chinesas melhorarem o seu estatuto socioeconómico (Zhou, 2018).

No entanto, ainda na década de 1990, o governo chinês alterou a sua posição em relação à confraternização entre chineses e estrangeiros, passando, mais uma vez, a considerar aqueles que se casavam com estrangeiros como pouco patrióticos, uma visão que perdurou até aos anos

2000. Foi neste período que os média chineses começaram a adotar posições mais liberais e passaram a promover o amor ocidental, uma vez que este tipo de conteúdos mediáticos se revelava como um grande atrativo de capital (Wang, 2019). No entanto a partir dos anos de 2010, o governo comunista retomou a vilanização da figura do homem branco por meio de uma campanha chamada "Amor perigoso"-危险的爱情(wéixiǎn de àiqíng). Esta campanha retrata os homens estrangeiros como mentirosos e espiões ocidentais que traem e exploram as jovens chinesas com o objetivo de obter informações governamentais sobre a China (Tatlow, 2016). Nesta campanha, que teve início no Dia da Educação Para a Segurança Nacional, foram divulgados posters que retratam as maneiras através das quais espiões estrangeiros se aproveitam de trabalhadoras do estado chinesas para obterem informações governamentais sob o pretexto de serem investigadores acadêmicos.

A história do poster, na Figura 1 abaixo, acompanha a Sra. Li, uma funcionária pública, que recebe um ramo de rosas vermelhas de David, um estrangeiro de cabelo ruivo, que também a presenteia com vinho e elogios. No entanto, a Sra. Li desconhece que o seu pretendente romântico tem uma motivação oculta: espionagem. Ao longo do cartaz, desenvolve-se a narrativa mostrando o florescimento do relacionamento, com o homem estrangeiro a ganhar a confiança de Li e a pedir-lhe um disco contendo segredos de trabalho.

No painel final, a verdade devastadora é revelada. A Sra. Li é apanhada pelos oficiais de segurança após entregar uma pen USB ao seu namorado estrangeiro. Sentada diante de dois oficiais severos, algemada e a chorar, ela exclama: "Eu não sabia que ele era um espião. Fui usada por ele!" A história serve como um aviso sobre os perigos da espionagem e a importância da vigilância e da segurança nacional (Tatlow, 2016).



Figura 1. Guan, N. H. (2016). Poster da campanha “Dangerous Love” [Imagem online]. In The Guardian.

Devido às posições e políticas de relações internacionais do governo chinês, os relacionamentos entre chineses e estrangeiros desde os anos de 1970 ocorreram frequentemente em segredo (Wang, 2019). As posturas políticas do estado chinês continuam a influenciar os chineses, mesmo fora da China, uma vez que, muitos dos jovens com ascendência chinesa, que vivem em Portugal e que pude entrevistar, relataram-me terem sido obrigados, em algum momento das suas vidas, a esconder os seus relacionamentos com portugueses por receio ou efetiva desaprovação dos seus pais (Yampolsky, West, Zhou, Muise, & Lalonde, 2020).

Hesitei em compartilhar detalhes da minha vida amorosa, temendo conflitos decorrentes de discordâncias com as expectativas dos meus pais. Por isso, só depois de 5 anos de namoro, é que partilhei com os meus pais que estava a namorar um português.

Yueying, género feminino, 26 anos

Apesar da grande influência que a cultura chinesa aparenta ter nas suas vidas, o facto destes jovens terem nascido e crescido (ou apenas crescido) em território português, e viverem na sociedade portuguesa, destacando-se aqui a socialização em estabelecimentos de ensino portugueses por lhes proporcionar amplas oportunidades de socialização com outros jovens portugueses, faz com que estes jovens assimilem códigos culturais portugueses, nomeadamente em relação às perceções do outro. Assim, apesar da possibilidade de haver uma preferência por estabelecer relacionamentos com pessoas próximas do grupo étnico de ascendência, ou uma grande vontade em agradar aos pais, nenhum dos jovens com quem falei se opõe à ideia de

poder vir a relacionar-se com alguém que não partilhe a mesma origem étnica que eles. Inclusivamente alguns veem as relações multiétnicas como enriquecedoras para ambas as partes.

Todos os jovens com quem estabeleci contacto veem nas relações interétnicas uma oportunidade de acesso privilegiado a uma cultura completamente distinta da sua. Este acesso abrange não só a culinária diversificada, mas também celebrações e tradições singulares. Isto mostra também que, apesar de nascerem ou terem vivido em Portugal grande parte das suas vidas, ainda sentem que não experienciam a cultura portuguesa na sua totalidade tornando então a diversidade cultural em relacionamentos amorosos altamente atrativa para estes jovens, revelando assim um espírito cosmopolita.

Cresci numa casa chinesa, então não tive muitas oportunidades de comer comida portuguesa autêntica. Mas se estivesse num relacionamento com uma portuguesa, provavelmente teria mais oportunidades de experimentar comida portuguesa e isso para mim é outra coisa boa.

Huajun, género masculino, 22 anos

Os rapazes, especialmente, revelaram que para si as relações com pessoas de outras culturas eram mais atrativas por evitarem vários problemas associados ao namoro no interior da comunidade chinesa. Entre esses problemas, destacaram a seriedade do compromisso que envolve namorar com alguém de ascendência chinesa em comparação com namorar com alguém português. Tal estará muito provavelmente relacionado com as expectativas culturais chinesas em torno do casamento, bem como o fato de que, por muito tempo, os chineses transitavam diretamente do estado de solteiro para o casamento, sem passar pela fase de namoro (Schneider, 2014). Como me disse Yuchen numa das nossas conversas: “Existe uma seriedade nas relações com chinesas que eu não sinto quando estou a namorar com portuguesas.”

Os rapazes acrescentaram ainda que as mulheres chinesas tendem a ser mais materialistas que as portuguesas, havendo uma maior pressão sobre os homens para que gastem dinheiro com as suas namoradas (Zavoretti, 2016). Parece que quando saem com raparigas portuguesas, não sentem a mesma obrigação de arcar com todas as despesas como quando estão com raparigas chinesa.

As mulheres (chinesas) ficam sempre à espera de que o homem pague as coisas e o homem fica mal visto se não pagar ou pedir para dividir a conta, mesmo que ainda não sejam namorados.

Huajun, género masculino, 22 anos

Acho que as chinesas são mais ligadas às prendas, as raparigas portuguesas com quem estive não queriam muito saber de prendas, nem me davam muitas, com as asiáticas é completamente diferente elas dão e esperam de volta.

Yuchen, género masculino, 24 anos

Esta ideia de que existe uma maior importância dada às prendas por parte de raparigas chinesas pode estar ligada aos ciclos do Yang e Laiwang (Stafford, 2000) que se referem a um sistema de trocas entre pais e filhos (*yang*) e entre amigos vizinhos, colegas e outras pessoas que não fazem parte do núcleo familiar direto (*laiwang*), envolvendo favores, presentes, dinheiro e comida, especialmente durante eventos cerimoniais e sociais. Estes ciclos são um aspeto essencial das relações sociais na China, já que promovem a coesão social, uma vez que criam um senso de interdependência e obrigação mútua entre indivíduos fortalecendo laços dentro de uma comunidade (Rodrigues, 2012). Quando as trocas ocorrem no interior dos jovens casais de namorados, elas servem também para criar um vínculo contínuo e duradouro, cimentando as responsabilidades e expectativas de cada um dos lados. Pode-se inferir que a renitência dos jovens rapazes com ascendência chinesa em relação a algum excesso de troca de prendas pode derivar não necessariamente de uma contestação aos papéis sociais de género chineses e até mesmo de um desagrado com um certo materialismo que parece caracterizar a forma de estar das mulheres chinesas, mas sobretudo de um certo receio de compromisso. A troca de prendas pressupõe um nível elevado de seriedade na relação, que eles demonstram não desejar, visto que, como mencionado anteriormente, apreciam a informalidade das relações com portuguesas.

Ainda assim, embora as relações interétnicas possam oferecer uma experiência enriquecedora, é importante reconhecer que elas também não estão isentas de desafios para os jovens chineses. Além da possibilidade cativante de encontrar uma cultura diferente, estes jovens enfrentam também obstáculos significativos. Entre estes desafios, destacam-se a resistência e desaprovação frequentes por parte dos pais chineses, que constantemente esperam que os seus filhos sigam as tradições e casem dentro de sua própria comunidade étnica (Zhang & Defoe, 2009).

Além disso, a dinâmica de comunicação dentro da própria relação pode ser afetada devido a diferenças nos estilos de comunicação, nas expectativas sobre a expressão emocional e nas normas sobre a resolução de conflitos. A presença de tais diferenças pode exigir um esforço adicional por parte dos parceiros para negociar e adaptar as suas formas de interação, a fim de construir um base comum de entendimento e respeito mútuo (Kimbria, 2006).

Tanto pode ser muito excitante ter um acesso assim tão próximo a uma cultura diferente com a qual nós nos podemos vir a identificar, como essas diferenças culturais podem ser difíceis de entender.

Muyang, género masculino 23 anos

Compreensivelmente, seria de esperar que, uma vez que muitos destes jovens cresceram e alguns até nasceram em Portugal, tivessem apreendido códigos culturais portugueses. No entanto, a minha pesquisa revelou que, de facto, apesar de estarem bem integrados na sociedade portuguesa, estes jovens experienciam algum choque cultural nas suas relações com portugueses sem ascendência chinesa.

Nem todos os jovens participantes neste trabalho estavam, no momento da pesquisa, envolvidos em relacionamentos. Por um lado, os pais muitas vezes desencorajam os filhos a darem prioridade a relacionamentos em detrimento do sucesso académico (Schneider, 2014), este desencorajamento do namoro durante a adolescência pode ter penetrado o *habitus*³ (Bourdieu, 2002) da população migrante chinesa em Portugal através do estabelecimento das políticas de controlo de natalidade desde os anos de 1970 em que para além do desincentivo ao namoro precoce, as idades mínimas de casamento também aumentaram (Rodrigues, 2009). Por outro lado, os próprios jovens estão frequentemente tão focados nas suas carreiras que o romance toma um segundo plano nas suas vidas. Ainda assim, foi possível recolher uma quantidade significativa de informação relevante sobre esta problemática.

Os desentendimentos nas relações de acordo com as narrativas dos meus interlocutores surgem das diferentes expectativas que as duas partes têm em relação ao namoro, às dinâmicas familiares e até mesmo à comunicação interpessoal. As diferenças entre as tradições culturais chinesas e portuguesas criam desafios significativos, especialmente quando não há um entendimento mútuo sobre essas diferenças (Hynie et al., 2006).

Com rapazes portugueses, a barreira cultural foi um obstáculo inicial, especialmente para eles compreenderem as tradições familiares e os hábitos quotidianos.

Yueying, género feminino, 26 anos

Portanto, embora possam partilhar o mesmo espaço geográfico e algumas experiências culturais com os seus pares portugueses, principalmente em ambiente escolar que é o seu principal

³ Habitus para Bourdieu (2002) são conjuntos de disposições estruturadas durante o processo de socialização que orientam comportamentos no quotidiano.

espaço de socialização, os jovens chineses têm de enfrentar alguns desafios quando se trata de estabelecer relacionamentos interétnicos.

O principal problema identificado pelos jovens que está na origem do choque cultural está relacionado especificamente com as diferentes formas pela qual as duas culturas envolvidas constroem a intimidade. As expectativas dos jovens chineses sobre como se devem relacionar, ou como se desejam relacionar com os seus parceiros, é muitas vezes completamente diferente da abordagem dos seus parceiros à criação de intimidade, o que frequentemente resulta em conflitos na relação.

Para ilustrar esta questão, podemos considerar o caso de Sangzhi que, por ter crescido numa família com uma forte influência cultural chinesa, possui uma série de padrões e práticas de relacionamento que são drasticamente diferentes das do seu namorado. Isso muitas vezes leva a sentimentos de frustração e dificuldade de compreensão por parte dele: “Ele fica chateado porque não percebe que a minha maneira de ver namoros e de participar neles é diferente da maneira dele. Ele é muito português a namorar, eu não sou.” (Sangzhi, 21 anos)

Para Sangzhi, o contacto físico não é uma prioridade na relação, na realidade, é até algo que lhe provoca alguma ansiedade quando é feito em espaços públicos. Adicionalmente, ela também não tem intenção de apresentar o namorado aos pais até ficarem noivos, o que é algo um tanto estranho para o seu namorado. Este tipo de limites que ela coloca na relação são difíceis de o seu namorado compreender, e apesar da existência de esforços de ambas as partes para se entenderem e adaptarem um ao outro muitas vezes acabam por discutir.

Exotização de jovens chineses

No âmbito dos relacionamentos interétnicos é também importante debater a questão da exotização, já que indivíduos de origens étnicas minoritárias podem ser reduzidos pelos parceiros a estereótipos ligados à cultura de origem (Pires, 2024). Estas questões influenciam negativamente a dinâmica dos relacionamentos e afetam o bem-estar emocional de ambos os parceiros.

Um dos meus interlocutores mencionou o fenómeno de exotização da comunidade chinesa por parte de jovens portugueses(as) que gostam muito de k-pop e anime. Esta é uma questão

recente, sentida por rapazes e raparigas, e que os deixa extremamente inseguros e receosos em relação a namorar mulheres e homens não asiáticos. Estes jovens semelhantemente ao caso relatado por Pires (2024) sobre mulheres asiáticas, sentem-se objetificados e reduzidos a fantasias. Para eles os ocidentais não os veem como indivíduos com as suas personalidades e talentos próprios, sentem-se desumanizados tornando-se apenas uma representação dos desejos de consumidores de cultura popular asiática (Pires, 2024), o que dificulta o estabelecimento de relações de confiança com jovens fora do seu grupo étnico.

Sim, faz-me sentir uma certa insegurança. Já falei com os meus primos e todos chegamos à conclusão que nós procuramos “red flags” quando alguma pessoa vem falar connosco. Por exemplo, se alguma pessoa que eu não conheço me manda mensagem, eu vou abrir o perfil para saber se a pessoa gosta ou não de k-pop, anime, etc.

Hua Jun, género masculino, 22, anos.

Na análise da obsessão de ocidentais por conteúdos culturais oriundos da Ásia emerge o fenómeno de fetichização das mercadorias (Marx, 1867), que se refere ao processo pelo qual as relações sociais entre indivíduos, são obscurecidas e passam a ser vistas como relações entre mercadorias. Quando as mercadorias são vistas de maneira fetichizada elas são vistas como algo que possui um valor inerente, descontextualizando-as das dinâmicas de exploração ou desigualdade que estão por detrás da sua produção (Marx, 1867).

Associar a ideia de fetichização da mercadoria marxista ao tratamento de pessoas asiáticas envolve entender como as dinâmicas de fetichização também se aplicam às relações raciais e culturais. A exotização dos jovens chineses em Portugal por parte de portugueses sem ascendência reduz estas relações sociais a preferências pessoais (fãs de anime e kpop) desvalorizando a influencia que as desigualdades estruturais de poder sexual de origem colonial têm nessa exotização (Cho, 2008). As relações coloniais entre os países europeus e Asiáticos criaram hierarquias de poder que levam a que os corpos e culturas asiáticas se transformem ao olhos dos colonizadores como apenas mercadorias. No caso português, por exemplo, os primeiros portugueses a chegar a Macau casavam-se com escravas chinesas, isto era visto e incentivado pelos monarcas portugueses como maneira de estabelecer um rápido vinculo e controlo da área (Levi, 2009). Estas escravas de famílias menos prestigiadas eram também usadas como mercadoria e vendidas em vários portos (Levi, 2009). O interesse por culturas asiáticas como justificativa para o envolvimento romântico com jovens de ascendência chinesa

ignora as camadas de opressão e exploração sexual que caracterizaram as relações coloniais, reduzindo uma história marcada por desigualdades e abusos a uma simples questão de preferência cultural (Levi, 2009) .

Podemos também recorrer ao conceito de orientalismo de Edward Said (1978) para analisar esta questão, mais concretamente, o modo como as perceções culturais e estereótipos existentes na produção cultural e académica influenciam as relações interétnicas entre portugueses brancos e jovens portugueses com ascendência chinesa em Portugal. Assim como Said (1978) critica a representação das mulheres orientais como exóticas e estereotipadas em contraste com as mulheres ocidentais, que eram vistas como mais independentes e assertivas, os chineses em Portugal são frequentemente vistos através de lentes estereotipadas, sendo percebidos como misteriosos, passivos e submissos. Essa objetificação cultural reduz a rica diversidade da cultura chinesa a símbolos superficiais que dizem mais sobre o modo como o próprio ocidental se entende a si próprio, deixando implícito a superioridade do ocidente, do que os chineses. As mulheres chinesas, em particular, enfrentam uma dupla camada de exotização – chinesa e asiática -, e são muitas vezes vítimas de assédio racializado (Pires, 2024), já que na base destes ataques está a estereotipização de asiáticos nos média como submissos, femininos, exóticos e sexualmente disponíveis.

Obviamente todas as mulheres, asiáticas ou não, sofrem assédio, infelizmente, mas as mensagens/comentários que elas (mulheres asiáticas) recebem enfatizam o facto de serem asiáticas e a maioria das vezes são muito ofensivas.

Hua Jun, género masculino, 22 anos

Tendências futuras

Com o aumento da globalização, observa-se uma crescente complexidade nas dinâmicas sociais e culturais. Embora a ascensão de movimentos anti-imigração e sentimentos xenófobos possa parecer uma reação a essa mudança, a realidade é que a tendência global aponta para uma aceitação crescente e normalização dos relacionamentos interculturais. O imigrante está gradualmente a deixar de ser visto como um adversário e a passar a ser reconhecido como um "outro" cuja diversidade é amplamente reconhecida e respeitada (Maalouf & Bray, 2012). Este reconhecimento da diversidade cultural contribui significativamente para uma maior aceitação de casais interculturais, refletindo uma redução substancial na estigmatização e no preconceito associados a essas relações.

Em Portugal, a crescente diversidade cultural tem impulsionado uma aceitação progressiva e visível dos relacionamentos interétnicos. Este fenómeno é evidenciado por dados recentes que mostram um aumento significativo no número de casamentos interétnicos. Em 2022, registraram-se 5 409 casais interétnicos que formalizaram as suas uniões no país, o que representa um crescimento de 1,2% em comparação com o ano anterior, 2021 (Oliveira, 2023). Este aumento reflete uma mudança gradual nas atitudes sociais e uma maior integração das diferentes comunidades presentes em Portugal.

Vale a pena ressaltar que estes números não capturam completamente a totalidade dos casamentos interculturais, uma vez que não incluem os casos em que os cônjuges também possuem nacionalidade portuguesa. Além disso, os dados disponíveis não consideram os descendentes de imigrantes chineses que, embora sejam cidadãos portugueses, mantêm uma ascendência étnica e cultural diferentes da maioria da população portuguesa. A omissão destes casos pode subestimar a real magnitude do fenómeno, considerando que muitos estrangeiros, após obterem a cidadania, passam a ser contabilizados de maneira diferente nas estatísticas demográficas.

As expectativas sociais e familiares estão também em transformação, com uma tendência emergente de abertura em relação a relações interétnicas. As famílias, tanto na China continental como entre as comunidades imigrantes, estão lentamente a adaptar-se às novas normas que desafiam as tradições estabelecidas. Isso é particularmente evidente com o crescente número de casamentos interculturais nas regiões costeiras do leste da China (Wang, 2014). Esta mudança não só reflete uma maior disposição para aceitar relacionamentos que não se enquadram nos padrões tradicionais chineses, mas também demonstra um avanço significativo em direção a uma maior integração e respeito pela diversidade dentro das sociedades contemporâneas. Esta transformação cultural, embora gradual, sinaliza uma evolução positiva nas atitudes sociais e na aceitação de diferentes formas de relacionamento.

A experiência de Yifeng, um jovem de 21 anos que entrevistei, ilustra bem essa mudança:

Acho que inicialmente, os meus pais queriam que eu me relacionasse com alguém da mesma etnia, preferencialmente chinesa ou pelo menos asiática. No entanto, sinto que, cada vez mais, eles estão a fazer tréguas com a ideia de eu poder ter um relacionamento com uma portuguesa. Está a tornar-se cada vez mais aceitável para a comunidade de imigrantes chineses ver a mistura étnica nas relações, pelo que acredito que isso é um sinal de mudança positiva.

Este testemunho revela como, mesmo dentro da comunidade chinesa, a aceitação de relacionamentos interculturais está a crescer.

Conclusões

Ao longo desta investigação explorei, como me propus de início, as experiências de jovens de ascendência chinesa em Portugal no estabelecimento de relações de intimidade, algo que revelou ser uma questão complexa e multifacetada. Através de uma abordagem qualitativa enraizada nos paradigmas interpretativista e construtivista, procurei não apenas compreender os fatores que moldam as suas escolhas e práticas amorosas, mas também contextualizar essas experiências dentro das dinâmicas culturais, familiares e sociais mais amplas.

Relativamente ao meu primeiro objetivo de pesquisa, foi evidente desde o início que a família e os grupos sociais, em que os jovens se inserem, exercem uma influência crucial não só na tomada de decisões como em toda a sua vida amorosa. A pressão para se conformar às expectativas familiares em relação ao casamento e à preservação da cultura chinesa ressoa profundamente nas suas decisões. Em contrapartida, os valores individualistas adquiridos, fruto da socialização na sociedade portuguesa, frequentemente entram em conflito com essas expectativas, desafiando os jovens a encontrar um equilíbrio delicado entre tradição e modernidade.

Relativamente ao segundo objetivo de pesquisa considero que ficou demonstrado que os jovens de ascendência chinesa em Portugal têm expectativas variadas em relação aos seus relacionamentos amorosos. Por um lado, valorizam a compatibilidade cultural e familiar, procurando parceiros que compreendam e respeitem as suas origens e tradições. No entanto, existe uma clara prioridade em relacionamentos baseados na comunicação aberta, apoio mútuo e crescimento pessoal. Em relação aos desafios, existe uma tensão que está perceptível entre as expectativas familiares tradicionais e as aspirações individuais por maior liberdade e autonomia na escolha do parceiro ideal. O último objetivo relativo ao fenómeno das relações interétnicas revelou-se um campo de tensões e oportunidades. Enquanto alguns jovens optam por seguir os seus desejos pessoais de conhecer e namorar pessoas de diferentes origens étnicas, outros enfrentam resistência significativa dentro e fora da comunidade chinesa ao estabelecimento de

tais relacionamentos. As diferenças culturais emergem como barreiras em relacionamentos interétnicos que requerem negociação constante, tanto na forma como afeto é expresso quanto na maneira como as duas partes concebem o compromisso e a intimidade na relação.

Nesta pesquisa, a opção por uma metodologia etnográfica revelou-se ser imprescindível para capturar a complexidade dessas experiências. A observação participante e as entrevistas semiestruturadas proporcionaram um cruzamento de dados em profundidade, não apenas sobre as práticas relacionais, mas também sobre os significados atribuídos a essas práticas pelos próprios jovens. Cada conversa, cada interação observada contribuiu para uma melhor e mais contextualizada compreensão dos desafios e estratégias desses jovens na construção das suas vidas amorosas.

Esta pesquisa possibilitou uma exploração aprofundada de uma série de questões. Além de examinar as dinâmicas familiares e sociais que influenciam as escolhas amorosas dos jovens de ascendência chinesa em Portugal, o estudo revelou como questões complexas como o racismo, a discriminação étnica na China, as relações históricas da China com o exterior e a evolução dos relacionamentos amorosos na China ao longo do tempo desempenham papéis significativos na construção de intimidade de jovens com ascendência chinesa em Portugal. Esses temas, não inicialmente contemplados no projeto, emergiram como influências críticas nas experiências dos jovens na construção de intimidade em contextos migratórios. Além disso, a análise sobre a exotização de migrantes asiáticos por parte de jovens de ascendência não asiática acrescentou uma camada essencial à compreensão das dinâmicas interculturais e das identidades étnicas desses jovens em Portugal. Foi também possível identificar uma crescente normalização dos relacionamentos interétnicos, algo que evidencia uma transformação positiva na integração e no respeito pela diversidade cultural quer em Portugal como na China. Este fenómeno destaca uma aceitação progressiva e uma adaptação a novas normas sociais.

Este estudo não apenas contribui para o conhecimento empírico de uma lacuna significativa na literatura existente sobre a migração chinesa em Portugal, mas também através da narrativa destas experiências individuais, espero ter contribuído para uma reflexão mais profunda sobre como as culturas se entrelaçam e como a intimidade é construída e reconstruída em contextos de diversidade cultural. É imperativo continuar a explorar as formas como estes jovens negociam identidades múltiplas e como suas escolhas afetam não apenas suas vidas individuais, mas também as estruturas familiares e comunitárias que os rodeiam. Além disso, é crucial

entender como esses processos influenciam a integração e a coesão social em sociedades cada vez mais multiculturais.

Referências bibliográficas

- Andersson, C. (2015). A Genealogy of Serial Monogamy. *Journal of Family History*, 40(2), 195–207. <https://doi.org/10.1177/0363199015569708>
- Amante, M., & Rodrigues, I. (2022). Mobility Through Investment: Economics, Tourism, or Lifestyle Migration? Narratives of Chinese and Brazilian Golden Visa Holders in Portugal". In *Intersections of Tourism, Migration, and Exile* (pp. 217–237). Londres: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003182689-13>
- Bejanyan, K., Marshall, T. C., & Ferenczi, N. (2015). Associations of collectivism with relationship commitment, passion, and mate preferences: Opposing roles of parental influence and family allocentrism. *PLOS ONE*, 10(2), e0117374. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0117374>
- Bernard, H. R. (2006). *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. Lanham: Altamira Press.
- Bian, Y. (2019). *Guanxi, How China Works* (1st edition). Cambridge: Polity.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática : precedido de três estudos de etnologia cabila*. Oeiras: Celta Editora. [1977]
- Bray, F. (2008). Constructing Intimacy: Technology, Family and Gender in East Asia. *East Asian Science, Technology and Society*, 2(2), 151–165. <https://doi.org/10.1215/s12280-008-9051-8>
- Buunk, A. P., & Dijkstra, P. (2017). Sex and marriage with members of other ethnic groups: A study in the Netherlands. *Cross-Cultural Research: The Journal of Comparative Social Science*, 51(1), 3–25. <https://doi.org/10.1177/1069397116677958>
- Châm, N. T. P. (2017). Life Stories of Vietnamese Women Married to Chinese Men in Wanwei, Guangxi, China: A New Research Approach in Vietnam. *Journal of Vietnamese Studies*, 12(3), 45–51. <https://doi.org/10.1525/jvs.2017.12.3.45>
- Charmaz, K. (2014). *Constructing Grounded Theory*. Londres, Thousand Oaks, Calif.: Sage.
- Cho, G. M. (2008). *Haunting the Korean Diaspora: Shame, Secrecy, and the Forgotten War*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Chong, K. H. (2020). Love Across Borders: Asian Americans, Race, and the Politics of Intermarriage and Family-Making. In *Routledge eBooks* (1st Edition). New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315450360>
- Chow, S. (2000). The Significance of Race in the Private Sphere: Asian Americans and Spousal Preferences. *Sociological Inquiry*, 70(1), 1–29. <https://doi.org/10.1111/j.1475-682x.2000.tb00893.x>
- Chu, G. C., & Yen-An Chü. (1993). *The great wall in ruins : communication and cultural change in China*. Albany, NY: State University Of New York Press.
- Dikötter, F. (1992). *The discourse of race in modern China*. New York, NY: Oxford University Press.
- Evans, H. (2007). *The Subject of Gender*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield.

- Fong, C., & Yung, J. (1995). In Search of the Right Spouse: Interracial Marriage among Chinese and Japanese Americans. *Amerasia Journal*, 21(3), 77–98. <https://doi.org/10.17953/amer.21.3.e848848100466113>
- Freitas, H., & Janissek, R. (2000). Análise léxica e Análise de Conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para análise de dados qualitativos. Sphinx, Porto Alegre.
- Gama, M. (2022). *Entre Portugal e a China: a construção de uma identidade híbrida entre jovens com ascendência chinesa em Portugal*. Seminário de Investigação em Antropologia, ISCSP, ULisboa [Edição de Autor].
- Gaspar, S. (2018). Percursos migratórios e trajetórias de vida de descendentes de imigrantes chineses. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 87, 109-127.
- Gaspar, S., & Ampudia de Haro, F. (2019). Buying Citizenship? Chinese Golden Visa Migrants in Portugal. *International Migration*, 58(3). <https://doi.org/10.1111/imig.12621>
- Gaspar, S. (2019). Chinese Descendants’ Professional Pathways: Moving to new Businesses? *Portuguese Journal of Social Sciences*, 18 (1), 91-108.
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of cultures* (pp. 3–30). New York: Basic Books.
- Gjerroe, S. (2022). *Made in China: A Memoir of Marriage and Mixed Babies in the Middle Kingdom*. Hong Kong: Earnshaw Books Limited.
- Guan, N. H. (2016). Poster da campanha “Dangerous Love” [Imagem online]. In *The Guardian*. Retrieved from <https://www.theguardian.com/world/2016/apr/20/beware-of-dangerous-love-with-foreign-spies-china-tells-its-women>
- Hall, S. (2013). *Representation: cultural representations and signifying practices* (2nd ed.). Londres: Sage.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (2007). *Ethnography: principles in practice* (3rd edition). Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Hynie, M., Lalonde, R. N., & Lee, N. S. (2006). Parent-child value transmission among Chinese immigrants to North America: The case of traditional mate preferences. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 12(2), 230–244. <https://doi.org/10.1037/1099-9809.12.2.230>
- Ilhéu, F. (2010). The Role of China in the Portuguese speaking African Countries: The Case of Mozambique. Instituto Superior de Economia e Gestão – CEAs *Documentos de Trabalho, Working paper*, 84-2010.
- Jamieson, L. (2011). Intimacy as a Concept: Explaining Social Change in the Context of Globalisation or Another Form of Ethnocentrism? *Sociological Research Online*, 16(4), 1–13. <https://doi.org/10.5153/sro.2497>
- Kibria, N. (1997). The construction of “Asian American”: Reflections on intermarriage and ethnic identity among second-generation Chinese and Korean Americans. *Ethnic and Racial Studies*, 20(3), 523–544. <https://doi.org/10.1080/01419870.1997.9993973>
- Kuang, L., & Liu, L. (2012). Discrimination against Rural-to-Urban Migrants: The Role of the Hukou System in China. *PLoS ONE*, 7(11), e46932. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0046932>

- Lai, L. (2014). We didn't know what love was. In *The Ugly Wife Is a Treasure at Home True Stories of Love and Marriage in Communist China*. Lincoln: Potomac Books.
- Levi, J. (2009). *A mulher macaense do novo milenio: pos-colonial e ponte entre culturas*. Macau, China: Universidade de Macau.
- Li, C., Carolino, E., & Sousa, J. (2023). Dietary acculturation and food habit changes among Chinese immigrants in Portugal. *Nutrients*, 15(8), 1886.
- Lopes, S., & Sousa, A. (2024). Relatório de Migrações e Asilo 2023 . In <https://aima.gov.pt/>. Lisboa : AIMA I.P. – Agência para a Integração, Migrações e Asilo. Retrieved from AIMA I.P. – Agência para a Integração, Migrações e Asilo website: <https://aima.gov.pt/pt/noticias/aima-publica-relatorio-de-migracoes-e-asilo-2023>
- Ma, Y. (2014). The first group wedding in Zhengzhou. In *The ugly wife is a treasure at home: true stories of love and marriage in communist China* (pp. 57–62). Lincoln: Potomac Books.
- Maalouf, A., & Bray, B. (2012). *In the name of identity: violence and the need to belong*. New York: Arcade Publishing. Copyright. [1998]
- Marx, K. (1992). *Capital: A Critique of Political economy. / vol. 1*. Harmondsworth: Penguin in Association with New Left Review. [1867]
- Matias, A. (2010). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa: interação multissecular via Macau* (Tese maestr. História das Relações Internacionais, ISCTE). Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Meho, L. I. (2006). E-mail interviewing in qualitative research: A methodological discussion. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 57(10), 1284–1295. <https://doi.org/10.1002/asi.20416>
- Merton, R. K. (1941). Intermarriage and the social structure: fact and theory. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes*, 4, 361–374.
- Mok, K. H., & Wu, A. M. (2015). Higher education, changing labour market and social mobility in the era of massification in China. *Journal of Education and Work*, 29(1), 77–97.
- Nguyen, L. T. (1998). To Date or Not to Date a Vietnamese: Perceptions and Expectations of Vietnamese American College Students. *Amerasia Journal*, 24(1), 143–170. <https://doi.org/10.17953/amer.24.1.q2223q52g822n327>
- Oliveira, C. R. (2023). *Indicadores de Integração de Imigrantes 2023* (1st Edition). Lisboa : Observatório das Migrações, ACM, I.P.
- Oliveira, C. R. (2021). Chinese Entrepreneurship in Portugal: The Interaction of Ethnic Resources and a Host Society's Opportunity Structure. In *The Presence of China and the Chinese Diaspora in Portugal and Portuguese-Speaking Territories* (pp. 69-90). Leiden: Brill.
- Padilla, Beatriz (2005). “Migraciones y Cambio”, paper presented at the VI Reunión de *Antropología del Mercosur*, Montevideo, Uruguay, November.
- Parks, S. M. (2013). Immigrant students' heritage language and cultural identity maintenance in multilingual and multicultural societies. *Concordia Working Papers in Applied Linguistics*, 4, 30–53.

- Pires, I. (2024). Um Lótus ou um Dragão? - a orientalização e fetichização dos corpos das mulheres asiáticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(2). <https://doi.org/10.1590/1413-81232024292.03592023>
- Portes, A., Fernández-Kelly, P., & Haller, W. (2009). The Adaptation of the Immigrant Second Generation in America: Theoretical Overview and Recent Evidence. *Journal of ethnic and migration studies*, 35(7), 1077–1104. <https://doi.org/10.1080/13691830903006127>
- Rodrigues, I. (2009). *No Feminino Singular. Identidades de Género de Mulheres Chinesas Migrantes em Lisboa*. Lisboa: ISCSP.
- Rodrigues, I. (2013). *Flows of Fortune. The Economy of Chinese Migration to Portugal, Lisboa*, ICS-ULisboa, tese de doutoramento em Antropologia da Religião e do Simbólico.
- Rodrigues, I., & Gaspar, S. (2021). The Presence of China and the Chinese Diaspora in Portugal and Portuguese-Speaking Territories: An Introduction. In *The Presence of China and the Chinese Diaspora in Portugal and Portuguese-Speaking Territories* (Vol. 19). Leiden: Brill.
- Rumbaut, Rubén G. 2004. “Ages, Life Stages, and Generational Cohorts: Decomposing the Immigrant First and Second Generations in the United States.” *The International Migration Review* 38(3): 1160–205.
- Said, E. (2004). *Orientalism*. Lisboa: Livros Cotovia.
- Samuel, L. (2010). Mating, Dating and Marriage: Intergenerational Cultural Retention and the Construction of Diasporic Identities among South Asian Immigrants in Canada. *Journal of Intercultural Studies*, 31(1), 95–110. <https://doi.org/10.1080/07256860903477712>
- Scaglione, A. (2010). A identidade na encruzilhada: jovens descendentes de imigrantes e os seus processos identitários (Dissertação de mestrado, ISCTE-IUL, Portugal).
- Schneider, M. M. (2014). *The ugly wife is a treasure at home: true stories of love and marriage in communist China*. Lincoln: Potomac Books.
- Sung, B. L. (1990). Chinese American Inter-marriage. *Journal of Comparative Family Studies*, 21(3), 337–352. <https://doi.org/10.3138/jcfs.21.3.337>
- Stafford, Charles. 2000a. «Chinese patriliney and the cycles of yang and laiwang». In *Cultures of Relatedness: New approaches to the study of kinship*, ed. Jane Carsten. Cambridge: Cambridge University Press, 35–54.
- Tatlow, D. K. (2016, April 21). China’s “Dangerous Love” Campaign, Warning of Spies, Is Met With Shrugs. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2016/04/22/world/asia/china-foreign-spy-warning.htm>
- Timmerman, C. (2008). Marriage in a “Culture of Migration”. Emirdag Marrying into Flanders. *European Review*, 16(4), 585–594. <https://doi.org/10.1017/s1062798708000367>
- Tsai, J. L., Ying, Y. W., & Lee, P. A. (2000). The Meaning of “Being Chinese” and “Being American”: Variation among Chinese American Young Adults. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 302–332. <http://dx.doi.org/10.1177/0022022100031003002>

- Uskul, A. K., Lalonde, R. N., & Cheng, L. (2007). Views on interracial dating among Chinese and European Canadians: The roles of culture, gender, and mainstream cultural identity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(6), 891–911. <https://doi.org/10.1177/0265407507084189>
- Vasconcelos, T. (2009). *A Ascensão da China, Acomodação Pacífica ou Grande Guerra?* Coimbra: Almedina.
- Wang, P. (2019). Changing discourses of Chinese– foreign intimacy in the decades of economic reforms. In W. Sun & L. Yang (Eds.), *Love Stories in China the Politics of Intimacy in the Twenty-First Century* (pp. 185–213). Nova Iorque: Routledge.
- Wang, P. (2014). *Love and Marriage in Globalizing China* (1st Edition). London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315775890>
- Xiaohe, X., & Whyte, M. K. (1990). Love Matches and Arranged Marriages: A Chinese Replication. *Journal of Marriage and the Family*, 52(3), 709. <https://doi.org/10.2307/352936>
- Yampolsky, M. A., West, A. L., Zhou, B., Muise, A., & Lalonde, R. N. (2020). Divided together: How marginalization of intercultural relationships is associated with identity integration and relationship quality. *Social Psychological and Personality Science*, 12(6), 194855062096265. <https://doi.org/10.1177/1948550620962653>
- Yan, Y. (2003). *Private Life under Socialism: Love, Intimacy, and Family Change in a Chinese Village, 1949-1999*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Zavoretti I, R. (2016). Is it Better to Cry in a BMW or to Laugh on a Bicycle? Marriage, “financial performance anxiety”, and the production of class in Nanjing (People’s Republic of China). *Modern Asian Studies*, 50(4), 1190–1219. <http://www.jstor.org/stable/24734807>
- Zhang, D., & Slaughter-Defoe, D. T. (2009). Language attitudes and heritage language maintenance among Chinese immigrant families in the USA. *Language, Culture and Curriculum*, 22(2), 77–93. <https://doi.org/10.1080/07908310902935940>
- Zhang, S. & Kline, S. L. (2009). Can I Make my Own Decision? A Cross-Cultural Study of Perceived Social Network Influence in Mate Selection. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(1), 3–23. <https://doi.org/10.1177/0022022108326192>
- Zhang, J., & Allen, K. R. (2018). Constructions of Masculinity and the Perception of Interracial Relationships Among Young Male Chinese International Students and Scholars in the United States. *Journal of Family Issues*, 40(3), 340–362. <https://doi.org/10.1177/0192513x18809751>
- Zhou, S. (2018). *Dating à chinesa: Padrões de selecção de cônjuge e a comercialização do casamento na China contemporânea refletidos no programa de encontros Fei Cheng Wu Rao 非诚勿扰* [Mestrado Em Estudos Asiáticos]. <http://hdl.handle.net/10400.14/25755>

Anexos

Guião de entrevista semiestruturada

Perfil sociológico

- idade
- género
- local de nascimento
- local de residência
- nível de escolaridade

1- A influência de grupos sociais nas escolhas e práticas relacionadas com a vida Amorosa.

i. idealização familiar de parceiros

- Como esperam os familiares que os futuros genros e noras sejam
- Quão envolvidos estão os pais na vida amorosa dos filhos
- Os jovens levam em conta os desejos dos pais?
- Visões familiares da “interracialidade” em relações

ii. Influência do grupo de amigos

- Com que etnia interagem mais
- Tipo de atividades que fazem e em que sítios
- Visões do grupo de amigos sobre relações amorosas,

2- Criação de intimidade e relações amorosas

i. expectativas e os desafios dos jovens em relações amorosas

- Descrever o/a parceiro/a ideal
- Que valores são importantes haver nas suas relações

- Que dificuldades e facilidades sentem ao tentar criar intimidade com outros /Com que tipo de pessoas sentem ser mais fácil criar intimidade (amigos ou possíveis parceiros românticos)

ii. posições e os desafios que sentem em relação ao estabelecimento de relações amorosas interétnicas

- Opiniões sobre relações interétnicas (o que acham? /já estiveram numa?/ pensam em estar numa? Se sim porquê? E se não porquê?)
- Quais os prós e contras que eles acham que podem surgir em relações interétnicas? (família contra, maneiras de criar intimidade diferentes/ choque cultural/ aprendizagem de novas maneiras de fazer as coisas, novas línguas e comidas e tradições, Integração de novos símbolos nas suas culturas)
- Para os que estão em relações: De que maneira é que a sua forma de construir intimidade joga com a forma de construir intimidade dos seus parceiros (Nguyen, 1998; Fong & Yung, 1995)

Protocolo de consentimento informado - Entrevista Semiestruturada

Eu, _____ aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Marta Gama (Aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), orientado pela Professora Doutora Irene Rodrigues (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), no âmbito da tese de mestrado em Antropologia, na área da Antropologia cultural e social, estudos migratórios e de identidade, .

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo. Entendi e aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre as minhas experiências enquanto descendente de imigrantes chineses.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Entendo, ainda, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

Assinatura _____

Data ___/___/___

